#### 

# Índice

|  |  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- | --- |
| Planeta chrys | Planeta timor | Planeta macau | Planeta galiza | Planeta açores |
| 509  511  512  513  514  518  522  524  527  540  542  555  556  561  563  567  569  570  571  572.1  575  577  580  582  583  588  590  595  600  601  602  607  608  609  611  613  616  617  619  622  623  633  634  636  643  646  647  648  649  650  651  654  655  661  662  663  664  665  666  667  668  670  673  674  680  681  682  683  686  687  688  689  693  694  695  697  701  704 | 547  548  549  550  551  578  610  685 | 503  505  506 | 501.2  525  528  530  531  532  533  536  537  545  562  574  579  689  690  691  692 | 500  502  504  507  508  510  515  516  517  519  520  521  523  526  529  534  535  538  539  541  543  544  546  552  553  554  557  558  559  560  564  565  566  567  568  571  572.2  573  574  576  579  581  584  585  586  587  589  592  593  594  596  597  598  599  603  604  605  606  608  612  614  615  618  620  621  624  625  626  627  628  629  630  631  632  635  636  637  638  639  640  641  642  644  645  646  652  653  656  657  658  659  660  669  671  672  675  676  677  678  679  684  696  698  699  700 |

# planeta chrys

****

#### 509. (maria nobody, à maria mãe, madalena do pico, 9 ago. 2011

maria nobody

de todos ninguém

de alguém

de um só

maria nobody

com body de jovem

maria só minha

assim te sonho

assim te habito

maria nobody

de todos ninguém

maria nobody

mãe

amante

mulher

minha maria

maria nobody

de todos ninguém

nem sabes a riqueza

que a gente tem

maria nobody

de todos ninguém

maria só minha

dos filhos também

maria nobody

mais ninguém tem.

#### 511. na varanda 1 (à mikinhas), estrela do atlântico, horta, 12 ago. 2011

partiste e deixaste

o travo amargo da tua boca

no ar evolava a lembrança

teu corpo

teus beijos

teu perfume

teus contornos delicados

ficaram suspensas as palavras

balões de banda desenhada

à espera do beijo do artista

o quarto era um laboratório

de sentimentos

cheiros

cores

como a paleta de um pintor

que se levanta e vai

desenhar telas nas nuvens

na almofada a memória

dos teus cabelos

da tua cabeça

deixava antever os sonhos

no suor da tua camisa

e um leve cheiro a coco

era verão

fazia calor

lençóis caídos no chão

roupa esparramada pelos cantos

e a mala aberta

sabia que voltarias

e sentei-me na varanda

a escrever esta súplica

quero repetir

o batismo dos corpos

escalar teus cumes

teus montes de diáfana vénus

a minha

fantasia

utopia

ilusão

puro idílio.

#### 512. na varanda 2 (à mikinhas), estrela do atlântico, horta 12 ago. 2011

os diáfanos véus

pendiam na janela

na porta

nas paredes

translúcidos e transparentes

com eles vesti teu corpo nu

saías das 1001 noites

e era ainda dia

motivos indianos em volta

e hieróglifos nas tuas palavras

teu corpo jovem e bronzeado

teu rosto trigueiro

tuas ancas tisnadas

eram o passaporte para o lado de lá

sem aduanas nem salvo-condutos

teu corpo de menina catita

era a fronteira do desejo

irreprimido

irreprimível

mantinhas o cheiro a maresia

nas ondas dos teus cabelos

tinhas algas nos dedos

sargaços de mil enleios

tentáculos de quentes beijos

tuas mãos desenhavam a minha geografia

e as unhas imitavam nova caligrafia

traçavas o meu mapa mundi

munchinhundi

mundo profundo

ignoto e ignaro

adormeci ao teu colo

sonhei no teu quente regaço

embalei-me nas ondas de teus seios

também tu eras mar

assim,

fui cidadão do teu mundo

nele fiquei

para sempre

órfão de todas as pátrias

refém de toda a tua volúpia.

#### 513. a uma leonor especial 24 agosto 2011

neto és avó serás

e só então a verdade saberás

do encanto frágil

das pequenas mãos que se estendem

dos pequenos olhos que te buscam

dos pequenos pés que afagas

dos regurgitantes sons que escutas

então sonharás

de novo

como sonhaste em jovem

paraísos perdidos e por inventar

regressarás a memórias esquecidas

visitarás planos arquivados

na gaveta de conquistas por subjugar

recordarás canções de embalar

com a voz embargada pela emoção

mas sem lágrimas furtivas

que os homens não choram

era assim no teu tempo

e te ensinavam a respeitar

ouvias os avós como quem escuta um deus

eles eram a fonte universal de sabedoria

bebias as palavras como quem tem sede

memorizavas nomes e lugares

que prometias conhecer e visitar

e eles tinham [quase sempre] razão

mas tu não sabias nem suspeitavas

que a saudade só chegaria depois

ter netos é recordar os filhos

corrigir erros e ausências

dispensar afagos e mimos

que já esqueceste

#### 514. 8 anos depois para a mariana 24 agosto 2011

quando nasceste há 8 anos

era avó temeroso das palavras e dos atos

incapaz de expressar sentimentos e amores

vieste de rompante mal anunciado

irrompeste pela minha vida

sem pedires licença nem perdão

eras amorosa e delicodoce

cabelos longos e sedosos

olhos de amêndoa e voz de sereia

nada perdeste nestes anos

ganhaste um amor enorme

deste avô impiedoso e duro

quebraste a pedra e o magma

rompeste a lava de que me cerco

hoje és como uma outra filha

mais pequena e indefesa

à mercê de marés e vagalhame

espero estar cá para te ensinar a nadar

a tua doce voz embala-me

já não conto histórias de adormecer

em inglês que mal entendias

sou eu que adormeço na lonjura dos dias

na distância que nos afasta

sem perder laços que adubámos

em momentos fugazes e subtis

continuas meiga e delicada

o teu sorriso são mil sóis

e nenhuma nuvem te ensombra

brilhas noutras galáxias

e és excelente na escola

a tua voz de sereia

os teus cabelos de alga

ecoam na maré vaza

as tuas mãos de sargaços

enleiam teus avós

mergulhas nas ondas

com promessas de regressos

nesta praia te esperamos

#### 518. nigel turns 15

os filhos são como as ilhas

ainda ontem nascente rato e careca

sonho há muito sonhado

promessas de séculos adiadas

sem nos darmos conta medraste

por entre as silvas e cardos

de malas às costas como o caracol

ser filho de professora

é ser caixeiro-viajante sem eira nem beira

hóspede de cidades, aldeias e vilas

desfazer amizades como quem respira

tentar manter laços numa distância

criar novos elos faces novas

aprender sotaques e maneiras

perder o medo e criar confiança

no desconhecido, no novo

aprender lições em ritmo de maratona

sem tempo para parar

para ver crescer as sobrinhas

longe de avós, tios e primos

enquanto crescias e eram dores difíceis

os pais a avelhentarem

sem fôlego para a tua juventude

irreverente, impaciente, ambiciosa

sempre a quereres tudo e já

os filhos são como as ilhas

não há continente que as segure

acordam no meio dos oceanos

e é só mar e ar

por vezes fogo e tremores

que a terra nunca é firme

os filhos são como as ilhas

nasceram para viverem longe

cresceram distantes e apartados

e quando damos conta

já se fazem ao mar

na esperança de um dia voltar

e há sempre esta tristeza

a falta de tempo partilhado

as brincadeiras que não se tiveram

as conversas que não falamos

as desobediências infindas

os ralhos e os castigos

e a dor imensa de saber

que quando te fizeres ao mar

não ficaremos em terra para sempre

nem estaremos no cais a acenar

connosco apenas a memória

dos momentos bons e felizes

dos orgulhos nos teus atos

das pequenas conquistas

quando foste mais velho do que eras

ajudando no que sabias e podias

justificando aquilo em que críamos

apartados ficaremos de ti

como longe estamos dos outros

todos filhos e netos à distância de um mar

os filhos são como as ilhas

não há continente que os segure

crescem em novas pátrias

e nós sem forças para nadar

impotentes e velhos

sem remos para velejar

ficamos no cais à espera

de um bote ou avião

uma carta, um telefonema

ou imagem mms ou skype

desfolhando álbuns de fotos antigas

recordando momentos e locais

em que éramos família e una

e precisavas de nós

nem sempre é triste envelhecer

pesaroso é não o aprender ledo

temos de aprender a permanecer

alegres e vaidosos quando nos deixam

felizes na nossa missão

certos de que um dia voltarão

os filhos são como as ilhas

adoram estar no mar

deixemo-los navegar

e descobrir que os continentes

não são feitos para nadar

#### 522. politicamente incorreto [24 setembro 2011]

hoje apeteceu-me ser sopeira e botar-me à janela

ver os magalas a passar sem cravos na lapela

mas nem eu era sopeira nem havia magalas nas ruas

hoje apeteceu-me ir para a rua e ficar na esquina

de tacões altos e minissaia vermelha

bolsa de lantejoulas, batom e rímel

nem um só carro parou não havia clientes para aviar

hoje apeteceu-me ser dona-de-casa

ficar em casa a ver telenovelas

*couch-potato* a comer e beber até fartar

mas já não havia casa nem televisão

os fiscais do irs levaram tudo

hoje apeteceu-me faltar às aulas

fazer gazeta e ir à praia

mas ninguém me marcou falta

ninguém chamou os meus pais

e é proibido “chumbar”

hei de voltar à escola lá para o natal

carnaval ou nas férias da páscoa

neste país ninguém leva a mal

hoje apeteceu-me roubar um multibanco

fugir com o dinheiro para longe

esqueci-me da botija de gás

mas a máquina não rebentou

nem a rtp apareceu

nem havia câmaras ocultas

nem dinheiro no atm

hoje apeteceu-me fazer tudo isto

transgressor tardio

rebelde da terceira idade

queria tresloucar

chamar a atenção do mundo

mas nada é novo nem ousado

tudo foi feito e experimentado

e o mundo ocidental bateu no fundo

imaginava os jornais amanhã

sexagenário na senda do crime

a família chocada vizinhos incrédulos

a parentela ignora-me

os vizinhos não me conhecem

e já ninguém lê jornais

então sentei-me à secretária

e fiz a única coisa que não aprendi

mas sei

escrever

com raiva, convicção,

como poepateta peripatético

ninguém deu conta

nem mesmo quando a casa foi abaixo

para dar lugar a mais uma estrada

ninguém sentiu a minha falta

ninguém lamentou a ausência

ninguém deixou de me ler

e agora, pergunto

com que cara me vou levantar amanhã?

#### 524. reinvenção do amor 2, revisitando daniel filipe, 18 outº 2011

o pássaro descreve o seu voo

na sinusoide deste tempo

a voz e a palavra são campos floridos

evocam verdes infâncias

é preciso inventar o amor

com caráter de urgência

dizia daniel felipe

mas são precisos homens e mulheres

dispostos a amar

capazes de ouvir e perdoar

os sentimentos podem esfriar

mas não se gastam

nem devem ser mudados

com a frequência das camisas

não são fraldas descartáveis

precisam de ser regados

com a humidade das neblinas

e o orvalho das lágrimas

neste deserto com vozes

a felicidade é um mito

o mundo é um inferno

a paixão uma utopia

e tu acreditas, meu amor?

andam

- de novo -

pássaros à solta nos jardins de eros.

#### 527. Leonor sem verdura nem frescura 16.11.2011

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| [Luís Vaz de Camões](http://www.ruadapoesia.com/content/category/1/16/37/) | Chrys Vale Tostões | |
| Descalça vai para a fonte Leonor pela verdura; Vai fermosa, e não segura.  Leva na cabeça o pote, O testo nas mãos de prata, Cinta de fina escarlata, Sainho de chamelote; Traz a vasquinha de cote, Mais branca que a neve pura. Vai fermosa e não segura.  Descobre a touca a garganta, Cabelos de ouro entrançado Fita de cor de encarnado, Tão linda que o mundo espanta. Chove nela graça tanta, Que dá graça à fermosura. Vai fermosa e não segura. | | Descalça vai para a farra  Leonor pela noitinha  Vai trémula pela cocaína  Leva preservativo na calcinha  Pílula do dia seguinte na bolsinha  Tanga de fina seda encarnada  Minissaia de cabedal rascote  Não usa sutiã no decote  A pele branca que nem neve pura  Vai trémula pela cocaína  Cantarola já rouca a garganta  Cabelo desgrenhado  Bandolete china de plástico usado  Tão pedrada que a todos espanta  Engole o ecstasy de graça tanta  Que dá graça à pouca gordura  Vai trémula pela cocaína |

#### 540. maria nini 26 março 2012

maria nini

que seria eu sem ti?

deste sapatos aos descalços

cavalgaste um epaminondas

tocavas piano

falavas no liceu francês

pingavas amor aos desvalidos

a tua casa era um canil

de gatos e desamados

maria nini

que faria eu sem ti?

adestraste alunos e professores

ensinaste filhos teus e doutrem

cresceste em lisboa

foste mulher no porto

casaste na austrália

mataste saudades em caminha

emigraste para bragança

foste ao canadá, brasil e macau

falhaste o alasca, coreia e taiwan

atingiste o cansaço nos açores

maria nini

quem amaria eu sem ti?

agora no ocaso da vida

dedilho esta cítara triste

cansado de alegrias muitas

parabenizo teus anos

de vida e de casada

nunca me arrependo

enquanto estiveres aqui

maria nini

como viveria eu sem ti?

#### 542. pirata sem cara de mau (17 anos de casados) 27 mar. 2012

desenhaste amor com traços lentos

no quadro negro de alvo giz

na aula só eu prestava atenção

seguia os traços como quem segue

os contornos do teu corpo

montes, vales e rios

como se foras um mapa

eu era o oceano

tu eras a terra firme

lancei âncoras e amarras

este era meu porto seguro

encontraste-me no bar de chegada

prometias girassóis

campos de feno a ondular

caminhavas leve e trigueira

ainda hoje me procuram

gritaram homem ao mar

quando era marinheiro em terra

vogo nas tuas ondas e marés

desfraldei a bandeira de corsário

aprisionámos tesouros infindos

piratas de um amor só

#### 552. divago, 29 julho 2012

alevantei-me ainda o sol não raiava

aparelhei a burra com a albarda

meti o naco de pão no alforge e marchei

saí do alto de são sebastião,

parei na gricha para beber água

atravessei toda a aldeia da eucísia

que ainda dormia aquela hora

subi pela quinta dos magalhães

até à fnpt (fed nac produtores trigo)

virei à esquerda rumo a alfândega

até ao desvio de valverde não vi vivalma

havia pouco pó pois choveu ontem

tinha de namorar às escondidas

andava numa má vida por causa do namoro

tinha vestido o melhor fato e chapéu

ao chegar ao largo de são sebastião

já havia gente no jardim do município

o povo juntava-se ali à espera da missa

espero que não me tenham reconhecido

segui na velha n315 passei ao lado do castelo

desci até à ribeira de zacarias

procurei na quinta do mesmo nome

o neto do sr acúrcio não estava lá

ele que cavalgava aqueles outeiros comigo

por colinas e vales passei sem ver ninguém

alguns olivais entre terras abandonadas

como a velha quinta da bendada

desci até ao sendim da ribeira

na esperança de a ver e passar tempo

construindo sonhos e promessas usuais

lá estava ela de mantilha branca

com as amigas aperaltadas para a missa

olhei em volta e só havia montes

à noite sabíamos sempre

para onde os faróis se dirigiam

de um lado os cerejais, do outro parada

para sul o sardão e a norte vilar chão

foi então que acordei e vi onde estava

numa lomba da maia na ilha de são miguel

rodeado de vacas alpinistas e vaqueiros

sentado ao computador a escrevinhar

e o resto da história terão de imaginar.

#### 555. das filhas e filhos 2 agosto 2012

os pais chamam princesas às filhas

porque nunca foram príncipes

os filhos são reizinhos

a quem nada se nega

eu queria ser príncipe e rei

nem que fosse por um só dia

#### 556. findou a açoriana lua-de-mel 5 ago 2012

a casa ficou silente

não se ouvem passos nem risadas

não há comida vegetariana

nem mais passeios pela ilha

na descoberta de praias e montes

em busca do riso das vacas

a rotina de todos os dias instalada

a vida na aldeia onde nada acontece

quando a filha regressa à austrália

agora fala-se do tempo, colheitas

o que se planta e o que se colhe

quem morre e se alguém nasce

os sinos da igreja tocam todos os dias

anunciam horas e mortes

casamentos há poucos

e eu mais velho e órfão

volto a falar português

#### 561. growing pains - ao meu adolescente johnny boy 01.09.12

ver crescer os filhos são partos constantes

dores difíceis de conter

a ti vi-te crescer na barriga da mãe

desde que foste à austrália sem o saberes

depois quase não nascias por incúria médica

e ali ficaste no porto cinco anos

geneticamente carente de mimos

antes de viveres na minha bragança

e vires desabrochar adolescente nos açores

correste as ilhas e o mundo

sentiste a lava no pico

o barro na faneca de santa maria

a vertigem das fajãs de s. jorge

viste o mar imenso no farol da maia

o rochedo do topo e o ilhéu da vila

mergulhaste nas lamas das furnas

antes de nadares em copacabana

aprendeste a nadar na rousia

fizeste-te às ondas nos moinhos

foste á caldeira no faial e capelinhos

visitaste hong kong e macau

brasília, são paulo e rio de janeiro

viajaste a anhatomirim

ribeirão da ilha, santo antónio de lisboa

lagoa da conceição e palhoça

na grande floripa de santa catarina

correste a galiza paraste em londres

andaste de burro, cavalo e bicileta

deste cabo da cabeça aos profes

da escola da maia e à tua mãe

convertes alegrias em preocupações

canseiras, dores e horrores

privilegiado sem o saberes

viveste os últimos sonhos da geração beat

e dos baby boomers antes da crise

hoje preocupo-me com o futuro

o teu e dos teus contemporâneos

sem sonhos para viverem

sem amanhã para sonharem

sem teorias permissivas do dr spock

embalados no conformismo urbano

sem saber de sputniks nem guerra fria

sem a ordem natural da família nuclear

sem ler os angry young men

sem os verões de amor nem os dias de raiva

sem a geração do flower power

if you go to san francisco

antes de serem yuppies nos anos 80

sem guerras do vietnam ou das colónias

sem disputas entre beatles e stones

sem joan baez nem bob dylan

sem a route 66 do kérouac

agora terás de encontrar a rota na selva

viveres a vida sem rede de segurança

sem sistema universal de saúde

nem serviço público de televisão

cursos sem saída nem amanhã

que não seja emigrar e fugir

amizades feitas no facebook

a virtualidade de sentimentos

a solidão das multidões

e eu carregado de experiência e saber

escrevo desabafos mudos em poesia

impotente sem nada poder fazer

eivado de utopias antigas, democracia

igualdade, fraternidade e liberdade

abafadas neste neoliberalismo selvagem

a minha voz será flor murcha

neste deserto de ricos prepotentes

e às massas sem forças para marchar

só resta gritar antes de perecer

(depois de ler, ver [http://www.youtube.com/watch?v=rxyajf9zmky&feature=share](http://www.youtube.com/watch?v=RXYAJF9ZmkY&feature=share))

#### 563. quando morrer, 4 dez 2012

quando eu morrer

não declare nada

que eu não tivesse dito

não elogie nem critique

quando eu morrer

não vá ao meu velório

nem mande flores

escreva uma frase lapidar

e publique-a

quando eu morrer

faça uma festa

leia um poema meu

beba um bom champanhe francês

fume um cubano

seja politicamente incorreto

como eu seria

quando eu morrer

sem ver luz ao fim do túnel

vou esquecer muitas coisas

mas pedirei à minha mulher

que me construa novo taj mahal

#### 567. mãe bi (nos 90 anos da mãe beatriz) 20 mar 2013

na leveza de três letras

se mede a palavra mãe

não se inventou ainda

o peso que a palavra tem

certa ou errada mãe

é sinónimo de amor e sabedoria

força oculta que nos protege

anima, perdoa e castiga

tudo foi escrito já

nada mais há a dizer

na certeza de três letras

se soletra a palavra mãe

não se inventou ainda

o amor que a palavra tem

feliz de nós que assistimos

às tuas nove décadas

dezoito lustros e cinco netos

fica connosco mais um pouco

para acabares as lições

que ainda não aprendemos

#### 569. mãe bi (nos 90 anos da mãe beatriz), 20 mar 2013

na leveza de três letras

se mede a palavra mãe

não se inventou ainda

o peso que a palavra tem

certa ou errada mãe

é sinónimo de amor e sabedoria

força oculta que nos protege

anima, perdoa e castiga

tudo foi escrito já

nada mais há a dizer

na certeza de três letras

se soletra a palavra mãe

não se inventou ainda

o amor que a palavra tem

feliz de nós que assistimos

às tuas nove décadas

dezoito lustros e cinco netos

fica connosco mais um pouco

para acabares as lições

que ainda não aprendemos

#### 570. solidões solitárias séc. xxi, 01 abr 2013

solidão é esperar

sms e e-mails na noite de natal

solidão é falar

a amigos do facebook na páscoa

solidão é usar skype

com ex-mulheres e namoradas

solidão é espreitar pela janela

em busca de rostos conhecidos

solidão é ver álbuns antigos

esperando encontrar amigos

solidão é ligar

aos que já partiram

na esperança de que atendam

#### 571. cântico quântico, 1 abril 2013

se os escritores soubessem física quântica

saberiam como as suas obras se disseminam

uma partícula associada à sua antipartícula

um anti-b-mesão associado ao b-mesão

mas deteriorando-se mais depressa que o b-mesão

no meio da maléfica antimatéria

vagueando pelo universo pluriverso

se os escritores soubessem física quântica

viveriam todos nos açores

pois é aqui que o alter ego é a chave

da maior questão da existência

como nasceu e como vai morrer

este nosso universo

#### 572. dezoito anos depois (à ni), 3 abr 2013

quando te conheci

cheiravas a flores silvestres

hoje sabes a frutos maduros

entretanto houve primaveras nos olhos

e outonos nas mãos

os sois que passaram não encobriram as nuvens

e as luas que despontaram não pararam as marés

os eclipses foram sempre fugazes

como esta vida que prolongamos

enquanto nos deixarem viver

#### 575. boston sanguinolento, abril 15, 2013

hoje não posso voar na poesia,

navegar nas asas dos sonhos,

em boston na maratona

atacaram na sombra cobarde

a corrida manchada de sangue inocente

que nenhuma ideia justificará...

hoje não posso voar na poesia,

navegar nas asas dos sonhos,

partilho a dor dos que não conheci

nunca mais verei as suas alegrias

aleijados, estropiados, mortos

pelo crime de correrem a maratona

pelo crime de verem uma corrida

hoje não posso voar na poesia,

navegar nas asas dos sonhos,

não sei se eram republicanos,

norte-coreanos, ou democratas

nem sauditas ou paquistaneses,

árabes ou muçulmanos, judeus ou cristãos

não sei se foi por dinheiro ou fé

hoje não posso voar na poesia,

navegar nas asas dos sonhos,

desde munique 1972 que não havia sangue

o desporto escapara à carnificina diária

nos quatro cantos do mundo

nada mais me interessa

tirem-se deste filme e deste mundo

hoje não posso voar na poesia,

navegar nas asas dos sonhos,

não o compreendo nem quero pertencer

cada vez abomino mais os homens...

e ninguém chora os mortos afegãos

iraquianos, chechenos, filipinos

do aceh à irian jaya, na ásia,

na áfrica do mali, do congo

da rep centro-africana, do sudão

nas américas e europas

a esses ninguém dedica um poema?

#### 577. aviso à navegação, 25 abril 2013

aos saudosistas, salazarentos

e outros democratas

de geração instantânea

nascidos após o 25/4/74

25 de abril é uma data que respeito,

devolveu-me a liberdade de expressão

que não tinha ao nascer

nem no primeiro quartel de vida.

sou sonhador, poeta e utópico...

e só porque homens e mulheres

traíram e abusaram esse ideal

não vou deixar de acreditar nele...

na minha mente e nos meus atos

será abril sempre

#### 580. primaveras 3, (à ni), 3 maio 2013

trazias primaveras nos cabelos

e verões no olhar

demos as mãos e rumámos ao futuro

voamos nas asas do vento

vivemos vulcões, tremores e furacões

cruzámos mares e continentes

perdemos o norte e o rumo

encontrámos paraísos desconhecidos

sussurrámos promessas e sonhos

navegando as asas da açorianidade

#### 582. dia da mãe #1, 5 maio 2013

8 de dezembro é o meu dia da mãe

mas calendários mudam-nos os políticos

e mandam que seja hoje

contrariado, obedeço

para te dizer, mãe,

errei quando te dizia

não pedi para ser nascido

bem hajas por isso

valeu a pena ter vivido

em 90 anos assististe a muita dor

preocupações, canseiras e desgostos

mas feliz de mim que ainda te dei

netos, alegrias e vitórias

livros, colóquios e memórias

fica connosco para partilhares

mais sonhos que tenho para te dar

#### 583. dia da mãe #2, 5 maio 2013

maria nini de todos mãe

hoje é o teu dia

de filhos e filhas

do marido também

quem não te sabia

mãe destas ilhas

de quem te quer bem

maria nini de todos mãe

dizem que mãe não tem rima

é claro que rima tem

com carinho e amor

com este poeta também

com sofrimento e dor

com beijos e lágrimas

emoção e alegrias

mãe é cheia de rimas

mulher das minhas folias

maria nini de todos mãe

cheiras a coco

sabes a morangos

nascida em lisboa

casada em sydney

trabalhas açorianidades

neste mundo oco

cheio de djangos

maria nini de todos mãe

distribuis felicidades

#### 588. as 4 idades do homem (revisitadas), 24 maio 2013

adoro as quatro idades do homem

infante de sonhos húmidos

mil e um futuros sem pressas

adolescente de sonhos psicadélicos

a pressa do futuro que se pode perder

a meia idade de sonhos pesadélicos

com a lentidão de quem viveu

a necessidade de contemplar o vivido

reviver conquistas esquecer amarguras

na última etapa sem sonhos délicos

sem medos e sem futuro

esperando encontrar a alma

sem alzheimer nem demências

#### 590. a alma dos poetas, 3 junho 2013

não sei da alma dos poetas

nem mesmo da do ramos rosa

não conheço o cheiro da poesia

nem mesmo do nuno júdice

nem sei a cor de qualquer verso

nem mesmo do alexandre o’neill

perco-me em maiakovski

visito o uivo de allen ginsberg

por entre as denúncias de daniel filipe

e os alertas de lawrence ferlinghetti

não sei da alma dos poetas

não sei nem dos poetas

emigraram todos desgostosos

fugiram envergonhados

desta escravidão que nos impõem

destas grilhetas invisíveis

meros robôs em mundos alternativos

comandados à distância

dentro de um jogo de computador

a que insistimos em chamar vida

e alguém joga com ela

sem o sabermos

não sei da alma dos poetas

não sei dos poetas

não sei da vida

#### 595. avós, a vós a voz, moinhos, 7 junho 2013

os campos que meus avós lavraram

estão estiolados com restolho e ratos

as casas que meus avós construíram

lentamente retornam à natureza brava

as colheitas que meus avós sonharam

não têm bisnetos para as apanhar

os lugares que meus avós habitaram

estão desertos e silentes

valeu a pena o sonho?

#### 600 alentejos 22/6/013

abatam a machado todos sobreiros

e azinheiras na serra de monfurado

para minarem a aldeia de n s da boa fé

em busca do deletério ouro

de noite fechem os gradeamentos

de todos centros comerciais

para evitar sem abrigo

que esses podem resguardar-se

na fria calçada das cidades

o país será muito mais rico

sem sobreiros e sem-abrigo

#### 601. crise, moinhos, 22.06.2013

disseram que era a crise

mas não acreditei

falaram da carestia

continuei descrente

mas como detiveram

um autarca de portimão

suspeito de corrupção

e o vi a comer o papel

tive a certeza da fome

há pessoas que se alimentam de tudo

e são pagos com o nosso dinheiro

#### 602. reminiscências, moinhos 22/06/2013

quero regredir à infância

até aos anos da inocência

sonhos ingénuos e aspirações

tudo era bem mais simples e banal

sabíamos de onde vínhamos

repetíamos ciclos de antanho

havia quatro estações

tudo era bem mais simples e banal

estradas lentas com destinos certos

paragens em todos os apeadeiros

plantar uma árvore

escrever um livro

conceber um filho

tudo era bem mais simples e banal

sobreviver à guerra colonial

arranjar emprego

subir na vida a pulso

criar família e viver sacrifícios

e valia sempre a pena

tudo era bem mais simples e banal

#### 607. ateu, 29 jul 2013

o papa anunciou

acreditei

ateus como eu

iam ao purgatório

o vaticano apressou-se

corrigiu e emendou

os ateus vão para o inferno

…

vivi pouco no limbo

e vou mandar o vaticano a um sítio que não digo

#### 609. avô, 29 jul 2013

quando a filha lhe disse

ficou contente por ser avô

a sua missão estava cumprida

plantara árvores

tivera filhos

publicara livros

ora se difundia a geração

sonhava que os netos vindouros

leriam os livros

que os pais nunca leram

#### 611. lua rua, 30 jul 2013

a luz da rua

para um chinês

será a luz da lua

para o europeu

a luz da lua

jamais será a da rua

#### 613. palavra nova, moinhos 02 agosto 2013

inventei a palavra

sílaba a sílaba

como quem desenha

na **a**lvura do papel

**m**

**o**

**r**

#### 616. filhos e netos, 02 ago 2013

neste tempo de angústias

ter filhos é um ato

de coragem

ou insensatez

o amor não sente a crise

neste tempo de incertezas

assim repetimos

fados

destinos

perpetuamos a herança

vou ser avô

#### 617. geometrias, moinhos 02 ago 2013

a elipse veio à janela

mordaz sorriu com malícia

lenta, descreveu um círculo

com um dichote brejeiro

triangulou um piscar de olho

e numa hipérbole sensual

com uma risada estrídula

sentou-se quadrada no meu colo

#### 619. austrália 9 ago 2013 e 5 out 1985

austrália

país de contrastes e de culturas mescladas sob uma predominância (a esbater-se lentamente) anglo-celta. daqui, deste fim-de-mundo, tentando criar a ponte para o outro lado, para o mundo real – esse onde vivem os que me leem – crio este diálogo para as paredes surdas e mudas que me escutam assustadas. tento quebrar este silêncio que asfixia, preenchendo a noite com o sol quente que nos ilumina e os dias com o luar que nos angustia. é assim a lei dos hemisférios, ou, de como a poesia podia ser uma arma carregada de verbos, lentamente inventados no quotidiano.

ser australiano, é mais uma forma de estar na vida do que uma caraterística que se sente. é uma negação de valores civilizacionais, com base em tradições e costumes – que nos são alheios – mas aos quais forçosamente nos adaptamos, revivendo simultaneamente valores nossos que julgávamos obnubilados.

#### 622. este tempo 14/8/2013

este tempo

que voa sob meus pés

é neto do tempo

que não ambulava

na minha juventude

#### 623. byron bay, moinhos, 15/8/2013

de byron bay recordo

as areias e o vento

a calma placidez

o último refúgio hippie

bali antigo transplantado

sem religião nem cultura

de byron bay recordo

o seu miradouro

via-se todo o mar pacífico

o doce cheiro a maconha

sem jindungo no fish’n’chips

#### 633. ser australiano, moinhos, 19/8/2013

um australiano é um ser complexo

dez por cento de água salgada

cinquenta de deserto

cinco de coral

outro tanto de montanha

e trinta por cento de etnias

um australiano fala inglês

comunica noutra língua natal

gera genes multiculturais

gosta de desporto

o aussie abomina a norma

faz parte de um estereotipo

vive no melhor país do mundo

#### 634. guerra colonial, moinhos, 20/8/2013

há várias catarses

para a guerra colonial

escrever livros

tornar-se alcoólico

ser antissocial ou violento

eu apenas mudei de nome

e de nacionalidade

e nunca escreverei

uma palavra que seja

sobre esse inferno

não posso perder mais tempo

com essa trampa.

#### 636. o voto 1, moinhos, 21/8/2013

nova campanha eleitoral

o país de rastos

rojado às feras do capital

promessas mil

projetos reciclados

autarcas em igrejas

distribuem dinheiro do púlpito

sorrisos, apertos de mão

beijam velhas e crianças

visitas e inaugurações

e o povo manso

que não se insurge

escravizado e pobre

acredita e sorri

vota sempre nos mesmos

#### 643. delicodoce, 2 ou 2013

diz a minha mãe

e eu creio nela

que duas tias

quando nasci

me deram muita

água açucarada

mesmo muita

muitas vezes

está explicado o porquê

de eu ser uma criatura doce

#### 646. enquanto dormias a nova escravatura chegou, nov 2013

nenhum de nós é livre

enquanto ao teu lado

houver fome

miséria

desemprego

hoje são os outros

amanhã serás tu

passaram 40 anos

nenhum de nós é livre

enquanto abril não se cumprir

#### 647. dia da mãe fora de prazo, 4 maio 2014

queria escrever um poema à mãe

neste dia que decretaram ser dia dela

mas não consigo esquecer o 8 dezembro

e aliás é dia da mãe todo o santo dia

queria escrever um poema à mãe

a pedir desculpa pelo que fiz

pelo que não disse e devia

pelo que preocupei e não alegrei

pelo que senti e não disse

queria escrever um poema à mãe

dizer da saudade dos afagos e ternuras

sentir o conforto da infância

viver o futuro que sonhaste

apagar as tristezas do caminho

as mágoas, dores e canseiras

queria escrever um poema à mãe

dizer palavras que nunca disse

escrever esta partilha de amor

lembrar os momentos protegidos

as admoestações benignas

mas nunca aprendi a dizer

amo-te mãe

#### 648. hitler revisitado nas eleições europeias, moinhos, 30 maio 2014

os abutres vieram

nos votos de abstenção

extremistas, de direita

neonazis e outros vermes

servem-se da democracia

vendem demagogia

extermínios, segregações

os abutres vieram

nos votos em branco

ocuparam parlamentos

o povo calado,

alheado

entediado

encolhia os ombros

quando vierem por eles

quando os cremarem

quando os exterminarem

não se ouvirá um só grito

nas suas gargantas secas

povo inculto nunca aprende

e a história sempre se repete

#### 649. a cruz da democracia, moinhos, 30 maio 2014

primeiro puseram a cruz nas janelas

depois colaram cruzes nas vestimentas

por fim, gravaram a cruz nas frontes

fechou portas e janelas

desligou as luzes a tv

esperou que se esquecessem dele

quando vieram não deu luta

nunca votava e nada sabia

dano colateral da democracia

#### 650. precisão suíça, moinhos, 30 maio 2014

primeiro expulsaram os desempregados

depois proibiram os sem-abrigo

quando chegou a vez dos estrangeiros

já não tinham para onde ir

#### 651. mudaram as moscas, moinhos, 30 maio 2014

quando saí em 1973

havia uma ditadura

e a primavera estiolava

…

ao acordar em 2014

havia uma democracia

mas a esperança

já não habitava lá

#### 654. les parapluies de cherbourg, moinhos, maio 30, 2014

quando a louca de chaillot

encontrou as demoiselles d’avignon

virginia woolf deu um brado

aos pássaros de hitchcock

e bob dylan lamuriou

the times, they are a changing

#### 655. deserdados 10/08/2014 santa cruz da graciosa

durante muitos anos suportei

com contida indignação

o vexame de dois filhos

que renegaram o nome de família

não me indigno nem me contenho

que os netos nados desses filhos

mantenham tal nome renegado

como os meus bens são imateriais

resta-me apenas declarar na minha herança

literária e intelectual que os deserdo

sem o meu nome não são família

e usando da minha coerência

tenho tanto direito de os retirar

como eles de abusar

da prerrogativa que ninguém lhes deu

de retirarem o nome de família

podem os netos não ter culpa

eu também não,

#### 661 valores da coreia do norte, moinhos, 29/8/2014

há quem nasça e viva

sem jamais saborear a liberdade

outros vivem sem a apreciar

mas só quem viveu a ditadura

sabe o valor da expressão livre

#### 662. valeu a pena, moinhos, 29/8/2014

nasci no pós-guerra

tempo de esperança

era de reconstrução

vou morrer diferente

num mundo que não é meu

valores que abomino

novas escravaturas e jugos

e se contradigo esse mundo

reafirmo convicções idas

valeu a pena viver

lego estas palavras livres

aos súbditos vindouros

para saberem como era o sonho

#### 663. terceira idade, moinhos, 29/82014

ao alcançar a terceira idade

recordo mitos juvenis

percursos inconquistados

ilusões de felicidade eterna

amores fugazes para sempre

mas como cri e lutei

fui derrotado e me soergui

como fénix de todas as cinzas

atingi metas insonhadas

descartei mitos inalcançados

amadureci e resignei-me

amores eternos para vidas fugazes

ora inicio o ciclo das memórias

***664. olhos de musgo, moinhos, 29/8/2014***

espreito a meu lado endormida

a mulher de olhos de musgo

silente nesta pradaria de leitos

sem búfalos nem bisontes

acaricio os seios desta montanha

disforme em tons de musgão

percorro seus vales e desfiladeiros

em cavalgadas eróticas

acordo ofegante nesta areia vazia

olho em volta e vejo milhafres

pairando em círculos sobre a presa

#### 665. canseiras, moinhos, 29/8/2014

a canseira da vida

só vale a pena

se for vivida

[que a canseira da morte

nunca vale a pena

ser morrida]

#### 666. the sign of the devil, moinhos, 29/8/2014

ter filhos assemelha-se

a contrair um empréstimo bancário

nunca se sabe

que juros se vão pagar

#### 667. arco-íris, seia 29 set 2014

arco-do-céu

arco-da-chuva

arco-do-tempo

arco-da-água

arco-da-velha

arco-do-abraço

arco-de-deus

arco-celeste

arco-da-aliança

arco-da-virgem

arco-íris

na mitologia dos colóquios

há antropomorfismos

de íris a vénus

jovem e nascitura

metamorfose do arco-da-velha

somos a voz das lusofonias

da galiza a timor

do brasil aos açores

guia-nos mestre bechara

mestre malaca é timoneiro

todos divisamos futuro

no mastro do caráculo

#### 668 outro céu, lomba da maia 23 janeiro 2015

rafid caminha seguro

sob o seu fez ou taburch

sem tremores nem medos

entra calmamente onde o mandaram

abre a túnica e todos veem

o cinto de explosivos

sobre o cirwal (ceroulas)

e com este gesto

partiu

em busca de 72 barbies no céu

#### 670. palavras, fundão 31.3.2015

tinhas fome

e eu dei-te palavras

para comer

tinhas frio

e eu dei-te palavras

para agasalhar

tinhas sede

e eu dei-te palavras

para dessedentar

tinhas silêncio

e eu dei-te palavras

para te expressares

#### 673 fugir (moinhos 18/7/2015)

*não é dor que sinto*

*é angústia*

*existir para quê*?

hoje apetece

pegar numa estrela cadente

e fugir

da crise grega,

alemã e europeia

hoje apetece

voar alado num milhafre

e fugir

para um planeta

sem homens nem fome ou miséria

hoje apetece descer às profundezas

das fossas abissais

e fugir

de toda a desumana

trama da humanidade

hoje apetece

subir às mais altas montanhas

e fugir

respirar o ar rarefeito

e inebriado voltar a sonhar

ser livre

#### 674 isis (moinhos, 18/7/2915)

tive um pesadelo

em território ocupado

pelo estado islâmico

enquanto aguardava

que me decepassem

infiel que sou

homem sem crenças nem fé

acordei

é bom poder acordar

livre

#### 680 a morte deu à costa, 4 set 2015

quando o mundo viu aylan kurdi

o menino sírio que deu à costa turca

o sangue congelou em nossos corações

esquecidos doutros anónimos

2500 tantos ou mais sem nome

que morreram naquela e

noutras praias noutros mares

afogados, asfixiados, esfaimados

desidratados, explorados, traficados

fugitivos , refugiados, imigrantes ilegais

adjetivos sem nexo

para quem busca a vida

depois de lhes destruírem o país

de lhes roubarem a vida e os sonhos

nem todos serão muçulmanos

nem todos serão terroristas

mas são todos seres humanos

e nós secamos lágrimas de crocodilo

com desculpas fáceis

e voltará a acontecer

e só alguns chorarão de novo

inédito chrys chrystello

#### 681. egéria (coligação minha que te partiste)

|  |  |
| --- | --- |
| alma minha gentil, que te partiste  tão cedo desta vida descontente,  repousa lá no céu eternamente,  e viva eu cá na terra sempre triste.   se lá no assento etéreo, onde subiste,  memória desta vida se consente,  não te esqueças daquele amor ardente,  que já nos olhos meus tão puro viste.   e se vires que pode merecer-te  algũa cousa a dor que me ficou  da mágoa, sem remédio, de perder-te,   roga a deus, que teus anos encurtou,  que tão cedo de cá me leve a ver-te,  quão cedo de meus olhos te levou.   *luís vaz de camões, in "sonetos"* | coligação pouco gentil, que te partiste  tão cedo deste desgoverno descontente  repousa lá no inferno eternamente  e viva eu cá na terra jamais triste  se lá do assento abrasador, onde caíste  memória desta tortura se consente  não te esqueças do ódio ardente  que devotaste ao povo que nunca viste  e se vires agora que pode merecer-te  alguma coisa a dor que nos causaste  da mágoa tão atrasada de perder-te  roga a deus que teu governo encurtou  que tão cedo não vá de volta a ver-te  quão tarde de meus olhos vos levou  11/10/2015 |

e·gé·ri·a   
(latim *egeria, -ae*, mitónimo [ninfa, deusa das fontes]). *substantivo feminino,* 1. mulher que inspira ou aconselha. 2. inspiração.

#### 682 cacofonia infiel, sexta feira 13 nov 2015

trabalhar alá

trabalhar a lã

escolher alá, aqui e lá

escolher a lã, aqui e lá

nesta casa de alá

nesta casa de lã

escolher alá, aqui e lá

escolher a lã, aqui e lá

alá. lã, aqui e lá

ateu sem alá, sem a lã

sem aqui nem lá

#### 683. geometrias ii, 18/1/2016

saí para a rua

tive um acidente

a vida é uma geometria

primeiro entrei num círculo vicioso

lembrei-me do triângulo amoroso

mas só encontrei bestas quadradas

#### 686 saudade do que nunca foi, 19/2/2016

*«ah, não há saudades mais dolorosas*

*do que as das coisas que nunca foram!»*

*bernardo soares, (heterónimo fernando pessoa),*

*in livro do desassossego (fragmento 92)*

tenho tanta saudade

do que nunca aconteceu

só o poeta pode fazer acontecer

aquilo de que temos saudade

por nunca ter acontecido

#### 687. prece de ateu, ao pai nené, 24 julho 2016

pedem-me hoje que ore

como se um ateu rezasse

pedem-me hoje as minhas preces

como se vozes de ateu chegassem aos céus

mas nem sei nem posso

tentarei enviar energias positivas

pensamentos sãos

lembrar os momentos bons

as discussões que nunca tivemos

o apoio e amor que recebi

a partilha de parte da minha vida

apesar de sogro

foi um pai sempre presente

confidente e amigo

cúmplice

não sei se isto serve de prece

quero crer que sim

apesar dos continentes que nos separam

estivemos sempre perto

na china, na europa e na austrália

e nunca deixou de ser pai

desde que me aceitou há 37 anos

seremos sempre família

estará sempre comigo

nas preces que não sei

nas memórias que evoco

nos sorrisos que recordo

na sua bondade e tolerância

na sua ingenuidade sem malícia

para ti pai nené batalha

para onde quer que vás

estarei sempre contigo

#### 688. on vanessa’s 30th , aug 13, 2016

having children is a nightmare

you never know what’s in the lottery

they can be nice and healthy but troublesome

or they can be the ones that make you proud

they can be a pest or heaven

but they are always lovable

having children is good

for you they never grow up

no matter what age they are

they are always your lil princesses

cuddly and enchanting

you always remember their first words and steps

their first everything be it good or bad

and you’re no exception

no matter how far away

you will always have a place at the table

a bed ready

dad always waiting

you can always show up at the front door

and the day will lit up

then life will be brighter

because you’re sunshine and the sun never sets on you

cherished and treasured

valued and precious

beloved and unforgettable

memorable and appreciated

esteemed and magical

perfect and special

that is how i feel about you vanessa ingrid

#### 689. ondas, moinhos 3 fev 2017

ah se eu pudesse parar as ondas

essas que arrebatam as areias

essas que escavam a minha praia

essas que descarnam a minha vida

ah se eu pudesse parar o mar

que inclemente se abate sobre as arribas

que insensivel corrói as fajãs

que impérvio repete a violação

ah se eu pudesse parar

o avanço do castelhano

estuprando o galego

cantaria a felicidade

da tua libertação

assim limito-me a orar

pela tua sobrevivência

#### 693. trumpices e outros ismos (moinhos 17/2/17)

negros dias

negras noites

negra vida se aproxima

mas hoje ainda posso falar

desfraldar as minhas bandeiras

e gostava de poder partilhar

esta liberdade

com os escravos e zombies

que povoam o mundo

e aos tiranotes e ditadores

que querem mudar o meu mundo

desejo o que eles me ambicionam

a escravidão

a doença

e a morte

#### 694. à evy que hoje nos deixou (aidil evelyn vieira da fonseca) lomba da maia 19/2/2017

cá anda ela outra vez

a morte surge quando menos se espera

hoje soube que me tinha levado

uma amiga antiga dos tempos de timor

farmacêutica em díli quando lá vivi 1973 e 1975

companheira, confidente, amiga

voz sóbria que acalmava os meus demónios

voz amiga que iluminava os meus desertos

voz querida que aluava as minhas noites

sempre preocupada na sua fala rápida

sempre temerosa pelos meus desvarios

sempre terna na sua amizade sem limites

sempre imersa na sua tarefa de mãe

tinha irmãos e irmãs para cuidar

não tinha tempo para ela

nunca teve, os outros vinham primeiro

foi o ombro onde chorei dores e mágoas

voz querida que dava sol às minhas noites

na varanda da sua casa no bairro do farol

ressuscitei dos meus infernos

amenizei o clima inclemente de díli

aprendi a sonhar, de novo

a geografia separou-nos

os anos afastaram-nos

mas nunca esquecerei essa amiga

firme que nem um rochedo

onde me abriguei dos tsunamis da vida

paixão amiga antiga

zela por mim mais uma vez

estou mais órfão hoje

\*\*\*

lembro agora o poema 446. este o roteiro (à evy). díli nov 18, 1974

***446.******núpcia*** *(à evy)*

*este o roteiro*

*nem imaginado*

*pressentido*

*abrimos a paisagem*

*devagarosamente*

*como se licença houvéramos*

*de pedir*

*às estrelas do chão*

*o brilho pulsar*

*deuses de lama*

*em ti o corpo madruga*

*pérolas negras*

*no azeviche dos cabelos*

*é teu o sexo*

*e o bailado da sua sombra*

*desconheço*

*longa a noite de mil vigílias*

*a palavra denúncia*

*o medo superado*

*cavas o fosso*

*no abismo de teus olhos*

*te deitas*

*navega o ventre*

*no vento*

*do tempo insuspeito*

*é nosso o fruto*

*e proibido*

*mosto sagrado*

*as colinas e o delta*

*vénus pitonisa*

*calcámos minotauros e erguemos jasões*

*é para quando o sangue desta núpcia?*

*ardente sede nos consome.*

#### 695. sei a minha idade, são joão, 24 junho 2017

sei a minha idade

aprendi hoje apenas

ao não me lembrar

esqueci a importância da festa

da data, desta e doutras

que dantes eram vitais

sei a minha idade

é tanta que as datas já não contam

nem merecem círculos

no calendário da parede

dantes eram ansiadas, planeadas,

pequenos círculos

em volta dos dias

quando se podia ser feliz

por umas horas apenas

sei a minha idade

já não se mede em datas

nem feriados ou festas

vagas memórias esfumecidas

notas de rodapé no livro dos dias

quando sonhar era vital

sei a minha idade

sem manjericos nem alho-porro

nem ceia na abadia

e hoje era dia de são joão

#### 697. esperança infundada, 12 julho 2017

varro o cotão dos dias

para sob o tapete das noites

na esperança infundada

de que novas auroras virão

varro as migalhas dos dias

para sob a toalha das noites

na esperança infundada

de ter uma mesa farta

varro as dores dos dias

para sob o manto das brumas

na esperança infundada

de haver dias de sóis felizes

#### 701. morrer como o mar aral, 14/10/17

o rio da minha vida está assoreado

a minha barragem secou

as nuvens não trazem chuva

a essência da poesia não se discute

faz-se, escreve-se, lê-se

a poesia liberta-nos

voamos nas suas asas

abrimos todas as grades

o meu destino

é rumar na musa

desaguar na foz

morrer como o mar Aral

704. 25 abril sempre, até quando, lomba da maia, 25.4.18

a mulher doente hoje

não cumprirei a tradição

nos moinhos de porto formoso

não erguerei o meu cravo vermelho

pelo abril que imaginei

a saúde de ambos necessita terapia

não há medicina para estas maleitas

há 44 anos que acredito

sem arrependimentos

hoje incréu interrogo

quem matou os sonhos antigos

para mim será abril sempre

na mente e nos desejos

da liberdade, igualdade, fraternidade

falta nascer o homem novo

a sociedade nova

o mundo remoçado

que dê vida a este desiderato

espero o renascer das utopias

neste outono de vida

um 25 de abril sempre

mas com poesia

# planeta timor



pintura de margarida bem madruga, oferta ao cnrt, timor-leste, 1999

#### 547. eleições sem lições em timor, 8 julho 2012

díli 23 setembro 1973

cheguei hoje a timor português

a vinda marcará a minha vida para sempre

sem o saber nunca mais nada será igual

o futuro começa hoje e aqui

entrei no tempo da ditadura

sairei na democracia adiada

na bagagem guardo sabores,

imagens e odores

sonhos de pátria e amores

divórcios e outras dores

cheguei sem bandeiras nem causas

parti rebelde revolucionário

tinha uma voz e usei-a

tinha pena e escrevi sem parar

pari mais livros que filhos

para bi-beres e mauberes

48 anos de longo inverno da ditadura

24 de luta independentista

agora que a lois vai cheia

e não se passa na seissal

já maromác se apaziguou

crescem os lafaek nos areais

perdida a riqueza do ai-tassi

gorada a saga do café

resta o ouro negro

para encher bolsos corruptos

sem matar a fome ao timor

perdido nas montanhas

sem luz, água ou telefone

repetindo gestos seculares

mascando sempre mascando

o placebo de cal e harecan

mas com direito a voto

para escolher quem o vai explorar

sob a capa diáfana da lei e ordem

do cristianismo animista

oprimido sim

mas enfim livre.

#### 548. queria ser toké 11 julho 2012

eu queria ser toké e contar o que vi

desde que partiste em 1975

queria saber falar

dar os nomes os locais e os atos

de todas as atrocidades, violência e mortes

que testemunhei mudo na minha parede

eu queria ser toké e escrever tudo

queria contar o que não querem que se saiba

queria contar o que não queriam que se visse

queria contar os gritos que ninguém ouviu

queria ser água e apagar os fogos

que extinguiram a nossa história

como se não fora possível reconstruí-la

queria ser pássaro e levar nas asas

todos os que foram chacinados

violados, torturados e obnubilados

voar com as crianças que morreram de fome

as mulheres tornadas estéreis

tanta coisa que queria dar-te timor

e não posso senão escrever palavras

lembrar teu passado heroico

sonhar futuros ao teu lado

#### 549. alucinação na areia branca (timor) 11 julho 2012

era maio em 1975

havia luar na areia branca

sem ondas na ressaca

caranguejos azuis na fina areia

baratas voadoras à frente dos faróis

eram pequenos os lafaek e raros

quase se ouviam os corais a falar

ao longe sem luzes em díli

o escuro dos montes

entre nós e o ataúro

deslizavam barcos espiões

antecipavam a komodo

ensaiavam invasões

corri a alertar

ninguém quis ouvir

escrevi e denunciei

chamaram-me alucinado

nunca imaginei o genocídio

#### 550. timor nas alturas 15 julho 2012

queria subir ao tatamailau

pairar sobre as nuvens

das guerras, do ódio, das tribos

falar a língua franca

para todos os timores

queria subir ao matebian

ouvir o choro dos mortos

carpir os heróis esquecidos

queria subir ao cailaco e ao railaco

consolar as vítimas de liquiçá

beber o café de ermera

reconstruir o picadeiro em bobonaro

tomar banho no marobo

ir à missa no suai

buscar as joias da rainha de covalima

passar a fronteira e voltar

chorar todos os conhecidos e os outros

e quando as lágrimas secassem

regressaria à minha palapa imaginária

à mulher mais que inventada

oferecer-lhe um pente de moedas de prata

percorrer as suas ribeiras e vales

sussurrar por entre as folhas do arvoredo

navegar nos seus beiros

rumar ao ataúro e ao jaco

desfrutar a paz e as belezas ancestrais

ouvir os tokés enquanto as baratas aladas voam

os insetos projetados contra as janelas

atraídos pela luz do petromax

a infância e a juventude são como uma bebedeira

todos se lembram menos tu

#### 551. lágrimas por timor, até quando? 16 julho 2012

confesso sem vergonha nem temores

hoje os olhos transbordaram

lágrimas em cascata como diques

pior que a lois quando a chove

o coração bateu impiedoso

os olhos turvos a mente clara

as mãos trémulas de impotência

nas covas e nas valas comuns

muitos se agitaram com a morte gratuita

mais um casal de pais órfão

mais um filho varado às balas

sem razões nem justificações

poucas vozes serenas se ouviram

velhos ódios, vinganças acicatadas

o povo dividido como em 1975

sem alguém capaz de congregar o povo

sem alguém capaz de governar para todos

sem alguém acima de agendas pessoais

sem alguém acima de partidos

temos de ultrapassar agosto 75

udt e fretilin

a invasão indonésia e o genocídio

faça-se ou não justiça

é urgente um passo em frente

é urgente alguém com visão

um sonhador, um utópico

um poeta como xanana já foi

alguém que ame timor

mais do que ama suas crenças

mais do que ama suas ideias

mais do que ama sua família

talvez mesmo uma mulher

sensível e meiga

olhar almendrado

pele tisnada

capaz de amar

impulsiva para acreditar

liberta de injustiças passadas

solta de ódios, vinganças e outras

capaz de depor as armas

todas e liderar.

#### 578. eu canto do maio, maio 1, 2013

eu canto do maio as mortes inúteis

os deportados para timor

o sangue derramado

tudo o que se pedia eram 8 horas

de trabalho, descanso e recreação

eu canto do maio a memória de 1886

do degredo, do cárcere, das torturas

das manifes proibidas, das bandeiras

vermelhas do sangue inocente

sem olhar a partidos nem a pessoas

apenas o direito inalienável

ao trabalho, ao descanso, à recreação

para que os novos fascistas de hoje

não roubem essas memórias

esses direitos, essas lutas

eu canto do maio o dia do trabalhador

hoje desempregado, sem-abrigo, doente

nos novos gulags e campos de concentração

sem grades nem gás mortal

#### 610. história timor, 29 jul 2013

primeiro veio a polícia

expulsos estudantes “ocupas”

depois vieram bulldozers

assim acabou o hotel resende

era história em díli

e um povo que destrói

não merece o seu futuro

mas ganhou condomínios de luxo

#### 634. guerra colonial, moinhos, 20/8/2013

há várias catarses

para a guerra colonial

escrever livros

tornar-se alcoólico

ser antissocial ou violento

eu apenas mudei de nome

e de nacionalidade

e nunca escreverei

uma palavra que seja

sobre esse inferno

não posso perder mais tempo

com essa trampa.

#### 685 dili inundado, 6, fevº 2016

maromác zangou-se

as ribeiras transbordantes

em dili nada mudou

tudo alagado como dantes

décadas depois

nem os milhões do petróleo

dominam as águas

passados quarenta anos

sem dinheiro para voltar

dominam-me as mágoas

a minha saudade

rima com verdade

# planeta MACAU

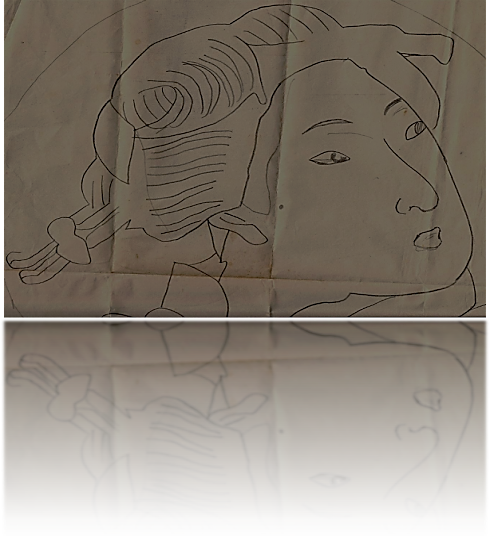


ilustração angie wilson 1997



#### ode ao ipm: a china e a LUSOFONIA, macau 15 abr. 2011

a cabeça de jade do dragão

volitava promessas

nós dançando em volta

e cantando

eram portuguesas as palavras

chinesas as faces

íamos falar de lusofonias

aprendemos harmonias

hospitaleiras gentes

fazendo nossa a casa delas

trataram-nos com honrarias

lusófonos dignitários qing

deram lições de progresso

aprendemos seculares tradições

partilhamos verbos e nomes

comidas e sabores

humildes aprendizes de feiticeiros

pasmados

deslumbrados

fizemos vénias e sorrimos

cativados

fascinados.

prometemos voltar.

#### o buda, lomba da maia, 5 mai. 2011

o buda sorriu à minha mulher

descrente de orientes

e ela acreditou

queimou incenso e orou

quem sabe se a saúde cura

e a vida prospera

serena e sarada aguarda

que o buda sorria de novo.

#### cultos não ocultos e cristãos, lomba da maia, mai. 6, 2011

aqui não é a face oculta da lua

nem marte planeta vermelho

1627 marca a data

no templo de kun iam tong

um começo budista no delta

do rio das pérolas

aqui se celebrou em 1844

o tratado sino americano de mong há

à sombra da árvore dos amantes

sob o testemunho dos 3 budas preciosos

e a bênção do buda da longevidade e kun iam

aqui acendi o meu incenso

fiz preces em 1977

repeti rezas em 2011

na esperança fundada

de os deuses estarem comigo

há momentos espirituais mágicos

este o partilhamos

com lusófonos amadores de cultos orientais

perambulando por entre crentes devotos

atordoados pelo intenso aroma

envoltos na mística exótica

como camilo pessanha ou camões

aprendizes da galiza, bulgária, alemanha,

de moçambique, açores, canadá e brasil

e tantos outros países

todos supersticiosamente crentes

os cristãos partiram santamente

com sacros sacos de incenso

para acenderem em altar devoto

a n. sra. de fátima à santa da ladeira

ou em romagens ao santo cristo

em coloane visitaram tin hau

templo da deusa dos céus

de kuan tai (deus da guerra e das riquezas),

de lu ban (deus dos carpinteiros),

de choi bak (deus da riqueza)

de hua tuo (deus da medicina)

todos guardados por leões

passearam pela igreja

de s francisco xavier

com a tradicional imagem

uma deusa chinesa segurando um bebé

sinoversão da virgem maria

ponte intercultural do oriente e ocidente

embevecidos na gruta de camões

ouviram poemas ao vivo

em fundo de dança tai-chi

uníssono com a concha e o vasco

dissonantes com o chrys e luciano

fazia calor e estava húmido

como já nem se lembravam

depois, foram em preito

a a-má, deusa do céu

em templo miscigenado

de tao, confúcio e buda

a tian hou deusa dos navegantes

preitearam no pavilhão das orações

ou primeiro palácio da montanha sagrada

não deitaram panchões

não dançaram a dança do dragão

receberam lai-si fora de época

banquetes de nunca acabar

comida de não perguntar

debateram-se com fai chi

até pedir faca e garfo

para quem lá viveu e sonhou

jamais sonhando regressar

ver macau nova e pujante

foi alegria insuspeitada

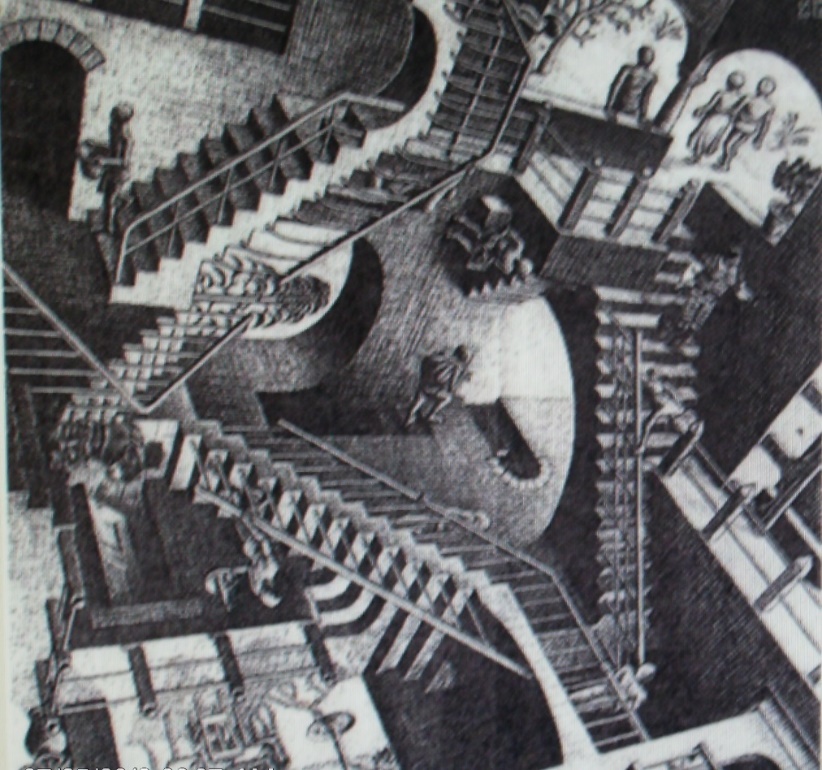
dita por chineses em lusa voz

aqui deixo a promessa

perdoa-me

quero voltar.

# planeta galiza





#### 501.2. partir (à concha rousia e a uma galiza lusófona) s. martinho do porto, setembro, 5, 1976, lomba da maia, açores fev. 13, 2011

partir!

cortar amarras

como se ficar fosse já um naufrágio

ficar

como quem parte nunca

partir

como quem fica nas asas do tempo

partir!

cortar grilhetas

como se viver fosse uma morte adiada

vencer ameias

cortar amarras

velas ao vento

olhar o mundo

descobrir liberdades

esta a mensagem

levar o desespero

ao limiar

até erguer a voz

sem medos

até rasgar as pedras

e o ventre úbere

semear desencanto

sorrir

à grande utopia

nascer

de novo

dar o salto

transpor a fronteira

entre o ter e o ser

imaginar

como só os loucos sabem

…

…

…

e então chegaste

com primaveras nos dedos

e liberdade por nome

loucas promessas insinuavas

despontaste

como quem acorda horizontes perdidos

demos as mãos

sabor de início do mundo

pendão das palavras por dizer

esta a revolução

minha bandeira por desfraldar

#### 525. galiza como hiroshima mon amour

acordaste e ouviste o teu hino

bandeira desfraldada ao vento

ao intrépido som  
das armas de breogán

amor da terra verde,  
da verde terra nossa,

à nobre lusitânia  
os braços estende amigos,

desperta do teu sono

pega nos irmãos

caminha pelas estradas

ergue bem alto a tua voz

diz a quem te ouvir quem és

orgulhosa, vetusta e altiva

indomada criatura

nenhum poder te subjugará

nenhum exército te conquistará

nenhuma lei te aniquilará

és a galiza mon amour

#### 528. ah como eu gostava 16/11/2011

portugal lembra o filho ingrato

que sai de casa levando as malas

cresce como um sem-abrigo

vivendo de expedientes

sujo, maltrapilho e destituído

mas orgulhosamente só e independente

altivo olha a galiza do tempo dos aguadeiros

da pobreza, fome e sofrimento

e sente-se superior

não reconhece pai ou mãe

nem partilha um cobertor

comporta-se como assaltante

aliado ao invasor

esqueceu a história e perdeu os genes

ah como eu gostava de ser galego

#### 530. pesadelo zoológico 3 dezembro 2011 à concha rousia

s castelhanoonhei estar num circo

era um leão amestrado

o domador espanhol

senti-me galego

eles não sabem

que não há leões domados

vivem anestesiados

um dia acordam

sem ronronar em castrapo

vou esperar pelo chicote

desobediente

aguardo que ele erga a cadeira

estreleje o látego

e me mande falar

aí direi ao castelhano

já chega de circo

o palhaço és tu.

acordei e não vi bandeiras de castela

#### 531. lendas da minha galiza 11 dez 2011

galiza és tão especial

quando sorris

por que não sorris sempre?

és tão bela

quando ris com gargalhadas cristalinas

por que não ris sempre?

és tão amorosa

quando falas e cicias

por que não falas sempre?

no meu quintal tenho um poço

sempre cheio de palavras

onde vou buscar inspiração

é lá que busco amores

como se fora o monte das ánimas

na era dos templários

quando os cervos eram livres e não havia lobos

foi lá que aprendi a tua história

depois de ith filho de breogán

ir à torre de hércules

divisar eirin a verde

morto ith, perdidas as cassitérides

aprisionados os ártabros

resta visitar santo andrés de teixido

duas vezes de morto

que não o visitei uma de vivo

e esta história queda silente

nos livros e na memória dos velhos

por que não a aprendem os nenos?

agora que o rio minho passa caladinho

para não despertar os meninos

hoje quando fui ao poço

encontrei-o seco e mirrado

sem um fio de água sequer

não havia pardais nas árvores

nem flores no jardim

senti o coração trespassado

as lágrimas secaram-me

aºao trespassado Castelaer caladinhofincado no chão

pios e polinia fadas ou sereiasatopei umas meigas

a dançar com o dianho

foi então que o vi, o chupacabras

estandarte de castela

não mais haveria fadas ou sereias

cronópios e polinópios

vou juntar ferraduras, alho e sal

colares de conchas e tesouras abertas

esconjuro-vos ó meigas castelhanas

que me salve o burro farinheiro

vou ao banho santo em lanzada[[1]](#footnote-1)

hei de te encontrar minha moura encantada

não tenho medo de travessuras de trasgos

nem marimanta ou dama de castro

sem temor da Santa Companhatravessuras de Trasgosaa santa companha

nem do nubeiro vagueando

entre tempestades e tormentas

hei de te encontrar minha moura encantada

e brotará áuga do meu poço

escreverei os versos e serão mágicos

erguerei a tua flâmula

no poste mais alto e cantarei

galiza livre sempre

#### 532. genevieve 13 dez 2011

genevieve era nome de mulher

um restaurante japonês

no meio de chinatown

sorrisos largos e astutos

mansos como o rio minho

olhos profundos amendoados

como o canon do sil

prometia ribeiras sacras

seios amplos acolhedores

como as rias baixas

genoveva da galiza

amazonaom saudades de arousamazonasamazonaaa em sidney

um pai na argentina

uma mãe em paris

com saudades de arousa

promovia sushi com saké

…

…

…

loucas bebedeiras em galego

#### 533. concha é nome de guerra 13 dezembro 2011

para ti não há música nem dança

apenas as artes marciais

guerrilheira de montes e vales

urdidora de emboscadas

sob a copa das amplas árvores

brandes teu gládio de palavras suaves

não usas as falas do inimigo

vingas a dor de seres galega

a montanha que herdaste sozinha

prenhada de mar na ilha dos nossos

o povo desaparecido da rousia aldeia

esse recanto insuspeito ao virar da raia

onde fui a férias em 2005 sem te saber

eu que nasci galego do sul

sendo galego de celanova

apartado de meus irmãos e irmãs

séculos de história ao desbarato

distavam mares que nunca navegámos

montes que nunca escalámos

estrelas que jamais enxergámos

até um dia em que surgiste

vestias azul e branco orlada a ouro

estandarte do nosso reino

ciciavas liberdades por atingir

sonhos por realizar

brandias a tua utopia

numa mesma lusofonia

**536. elegia à aglp 16 dez 2011**

viver numa ilha é prisão

sair dela é impossível

nem com a velocidade da chita

nem com a força do elefante

nem com o mergulho do cachalote

de nada servem passaportes

nem vistos consulares

só água nos rodeia

preciso saber nadar

viver na galiza é prisão

sair dela é possível

mas não elimina os carcereiros

não abate as grades do cárcere

não liberta do cativeiro

mas nas árvores de nottingaliza

há sempre uma concha dos bosques

ou um ângelo merlim

um joám pequeno evans pim

um frei tuck montero santalha

e seu bando de lusofalantes

manejando o arco

invencível besta da lusofonia

#### 537. a nódoa 17 dez 011. (à isabel rei)

as nódoas da guerra civil

não saem com detergente castelhano

trouxeste no ventre

os bastardos de tuas violações

enterraste parentes

mortos por terem ideais

as lágrimas que choraste

adubaram teus campos

calaste as dores e humilhações

enquanto pilhavam teus tesouros

ensinaram-te a língua do invasor

mas cantaste vilancetes

lembraste a alvorada de rosalía

descobriste o arquivo valladares

plangeste a tua guitarra

para sentires a liberdade

tens de sair do teu país

para falares a tua língua

tens de visitar o passado

quando cantarás a liberdade?

#### 545. sal, 1 junho 2012

sempre que vou ao mar

na boca fica-me um travo a sal

sempre que vou à galiza

os lábios falam-me de portugal

e em goa, timor ou macau

no brasil ou cochinchina

nunca me sinto mal

sândalo, cravinho e canela

arroz-doce, bebinca, balachão

a língua que nos une tem sal

nela me deito e me deixo vogar

nesse oceano da lusofonia

sem ventos nem adamastores

navegam todas as naus

todos irmãos num só mar

bandeiras do mundo sem passaporte

esta a nossa cantiga de embalar

sonhos, utopias por provar.

#### 562. sonhar galiza sempre 25 setembro 2012

hoje sonhei com a galiza

ela abriu os braços ao mundo

e o mundo recebeu-a de braços abertos

depois acordei e descobri

eu já estava noutro mundo

vou voltar a adormecer

#### 574. soletras autonomia, 14 abr 2013

ilhas de névoas e gaze

de novelões e conteiras

do verde e do azul

ó gente de basalto

quem canta a tua gesta?

terras de maroiços

cais de rola-pipas

mar imenso abraseado

lacerado por vulcões

ilhas de bardos e músicos

republicanos presidentes

poetas, pintores e artistas

anteros, nemésios e natálias

quem te liberta das grilhetas

do passado feudal

da escravatura da fé

do atavismo ancestral?

soletras autonomia

gaguejas liberdade

titubeias emancipação

com laivos de insubmissão

como a irmã galiza

cicias um 25 de abril

que tarda em chegar

#### 579. bandeira por desfraldar, 3 maio 2013

quero cantar armas e brasões assinalados

faustos doutrora que poucos igualaram

em vez de chorar corruptos governantes

dilapidando pátrias vetustas

quero cantar navegadores e descobertas

missionários e colonizadores

em vez de chorar vendedores de pátrias

marionetas de troicas estrangeiras

quero cantar guerras e batalhas

expulsões de castelhanos e mouros

em vez de chorar um país vendido

à especulação bancária e ao iv reich

quero cantar a vizinha galiza livre

celta, orgulhosa, ancestral

em vez de chorar a repressão

e extermínio por castela

queria cantar a liberdade, igualdade e fraternidade

em vez de chorar esta escravatura

o silêncio e o medo sem futuro que nos impõem

até que alguém sem hesitações nem temores

se erga e vá desfraldar a bandeira dos açores

#### 689. ondas, moinhos 3 fev 2017

ah se eu pudesse parar as ondas

essas que arrebatam as areias

essas que escavam a minha praia

essas que descarnam a minha vida

ah se eu pudesse parar o mar

que inclemente se abate sobre as arribas

que insensivel corrói as fajãs

que impérvio repete a violação

ah se eu pudesse parar

o avanço do castelhano

estuprando o galego

cantaria a felicidade

da tua libertação

assim limito-me a orar

pela tua sobrevivência

#### 690. se os carvalhos falassem ( à concha rousia), moinhos 3 fev 2017

ah se os carvalhos falassem

dir-te-iam que já foste livre

ah se os carvalhos falassem

recordariam teus dias faustosos

mas como ainda não falam

ninguém sabe da tua história

ninguém sabe da tua mordaça

ninguém sabe do genocídio

ah se os carvalhos falassem

serias livre

#### 691. galiza morres sozinha (moinhos 17/2/2017)

*(este parte*

*aquele parte*

*e todos todos se vão)*

galiza morres sozinha

morreram-te as gentes

mataram-te a língua

roubaram-te as riquezas

galiza morres sozinha

esqueceram a tua história

enterraram teus heróis

castraram-te as memórias

galiza morres sozinha

abri as portas e o coração

ressuscitei pedras e lendas

escrevi poemas e laudas

e acreditei que renascias

galiza morres sozinha

nas tuas aldeias desertas

nas ruas e cidades colonizadas

no desprezo dos portugueses

nos livros que ninguém lê

não morras sozinha galiza

deixa-me catar-te

e viverás!

#### 692. portugaliza (moinhos 17/2/17)

este país rima com sal

nunca nada está bem

e tudo vai sempre mal

insatisfeitos

impotentes

impávidos

incapazes

ingratos

incompetentes

quisera eu

pudesse eu

e dava-te um nome

portugaliza

# planeta açores



#### 500. ilharias **(ao vasco pereira da costa)**

a ilha

quilha

que ilha?

a ilha

parto num parto precoce

náufrago em terra

açores à vista

as lhas

que ilhas?

nascidas do fogo

enterradas por vulcões

tremidos

tremuras

ternuras atlânticas

atlântidas

ilhas cativas

no tempo e no espaço

perdidas nas brumas

no basalto e na lava

piratas

corsários

aprisionam poetas

geram autores

concebem amores

ritos e crenças

benzeduras

contra doenças e maleitas

há momentos como este

que deviam ficar eternos

parados no tempo

tudo pela ilha

tudo pelas ilhas

obrigado vasco

por desvendares estes nossos mares

saco grosso, floripa, santa catarina, brasil, 7 abril 2010



#### 502. açores 1 (2010)

no início era o fogo

e se fez verbo

depois,

vieram os tremores

e se ergueram ilhas

vieram pássaros e árvores

arribaram gentes, gado e corsários

e brotaram açores

a terra insolente

insilente vomitava

humilhava vilas e aldeias

em debandada as gentes

alvoravam votando com os pés

depois, veio a fé

construíram capelas, igrejas, santuários

romarias, procissões e devoções

acartando nacos de terra no bornal

desbravando mares oceanos

colonizando havais, américas e brasis

miscigenando nações

sempre leais

fiéis

saudosos

do verde

das vacas

dos picos

regressam libertos de feudais grilhetas

**perpetuam mitos**

**impérvios ao progresso.**

#### 504. volitando 4 maio 2011

vieram os deuses

plantaram ilhas

onde dantes havia água

nasceu a ilha-mãe,

havia a mãe-ilha,

outra era marilha,

uma a ilha menina

outra ilha-filha

nove irmãs

filhas de poseidon e de afrodite

nascidas da espuma do mar

nos montes verdes

rugiam dragões

cuspiam chamas

tremiam os chãos

secavam ribeiras

vomitavam magma

choviam trovões

de thor filho de odin

esquecido das gentes e animais

pobres escravos e colonos

amanhadores de rochas e fomes

desbravadores de mínguas

crentes e temerosos

orando promessas seculares

criam no destino sentindo-se culpados

ainda hoje penam

liberdades que não pagam dízimos

votam com os pés da emigração

a libertação de todas as cangas

mas voltam sempre

romeiros em promessas várias

açorianos até ao tutano

sem alforrias nem autonomias

perenes escravos destas ilhas

escrevem a história que poucos leem.

#### 507 tanto mar (ao vasco) [pico, 9 agosto 2011]

entre nuvens escrevo

tanto mar

e nele flutua

a tua prosa

tanto mar

e não cabem nele

os teus fogos ocultos

pairando sobre as ilhas

te deram vida

sustento

inspiração

tanto mar,

no teu pequeno bote

prenúncio de liberdades

cravos e rosas

espinhos e espigas

tanto mar

tanta montanha

vulcões por trepar

maroiços por construir

baleias por harpoar

pescador de palavras ilhíadas

lavrador de poemas

da prainha do pico

à heroica angra

ao choupal das letras

tanto mar

e não cabem nele

teus livros por acabar.

#### 508 maia [ao daniel de sá] (pico 9 agosto 2011)

das penedias da tua maia

avistas o mar

teme-lo

afugenta-lo

com tuas palavras

narras histórias antigas de encantar

contas lendas de tempos que não vivi

habito lendas que ainda não leste

escrevo o que vivo e sinto

da janela do meu castelo

voltado ao grande oceano

à ilha mágica da autonomia

em nevoeiro de s. joão

s. miguel vive em terra

costas voltadas ao mar

por vezes tenho de o largar

da minha lomba

o mar não temo

nem repelo

nem suas águas em descabelo

nem suas terras de tremores

convulsões

medos, pavores, temores

audacioso ou petulante

abro-me ao seu encanto

enleiam-me adamastores e sereias

e me embalam

deixo-me seduzir

sem atropelo

vogo nas ondas

as correntes me levam

velas enfunadas

ao sabor da maré

nem sei quantos

dias, meses ou anos

andei marejando

sem destino

sem vocação

arribo noutra ilha

mística

mágica

abrigo-me na sombra

de seus cumes

vulcões endormidos

no magnético pico

crio este sortilégio

sem bruxas

nem feiticeiras

curandeiras

mezinheiras

macumbeiras

noutros tempos era astrologia

contavas tu daniel

seus segredos sem papel

hoje é apenas

e já

poesia.

saravá poeta amigo

#### 510. lancha do pico ao dias de melo (pico, 9 agosto 2011)

lá vem a lancha

lá vem

traz imigrantes, viajantes

memórias vãs por limar

da terra, do fogo

do tempo sem prazo

da fome e do medo

das socas de milho

das pedras por maroiçar

votaram com os pés

fizeram-se ao mar

sem botes nem baleias

para a lonjura das amercas

novas vinhas por esmoutar

voltam abonados

impantes de dólas

sem sueras nem albarcas

ao rossio do mar

lampeiros, apatacados

emigrantes mendigos

de memórias por aparar

perderam as terras

ganharam o mar

lá vem a lancha

lá vem

a bordo não traz ninguém

picarotos perdidos

como só esta ilha tem

comem e bebem

reveem parentes

e gente de bem

perdidos em tempos idos

repetem saudades dos entes

sabe-se lá de quem

apadrinham festas e procissões

pagam dízimos e promessas

missas por alma de quem partiu

emigrados em amarcanas missões

lágrimas da ilha que os repeliu

do sangue fizeram vinho

do magma medraram uvas

em terra de rola pipas

debouçam bocainas, traveses e jarões

plantam casas e novos luxos

nas ilhas vazias de gente

com leiva de memórias idas

musgo de antepassados

à espera de filhos e netos

sem regressos nem partidas

lá vem a lancha

lá vem

vazia

já não traz ninguém

#### 515. a nau sem escorbuto 24 agosto 2011

arribou nesta praia deserta

a nau sem escorbuto

sem mastro nem pendão

sem carga nem marinhagem

sem especiarias do oriente

nem arroz do sião ou malaca

sem pérolas de ormuz

nem diamantes da índia

sem cavalos das arábias

nem marfim das áfricas

fora de cochim a meca

de ternate a timor

sem compradores

nem lusitanos feitores

nesta açoriana praia deserta

longe do mar eritreu

há mouros e judeus conversos

cristãos por batizar

os senhores dos açores

ocupam lugares de proa

a barlavento das gentes

não vieram de calecute

nem estiveram em cipango

não cuidam da pimenta do reino

da noz-moscada, do cravo-da-índia

do açafrão, anis, gengibre e canela

não foram a banda, ceilão ou malucas

os senhores dos açores,

que não é terra de gentios

chamam-lhe sua e de mais ninguém

como samorim a regem

feitos marajás em palácios

ofertam bugigangas aos nativos

promessas vãs e eleitorais

sentado na ameia

frente à seteira

em castelo sem pendão

envio migas de letras

a todos sem literário pão

crónicas avulsas de vidas vividas

pecados sem perdão

e o povo sem saber da fome

do frio que aí vem

das vacas que se foram

do leite que não mungiram

dos campos que não araram

das colheitas que não comeram

feliz vota nos que prometem

sempre a mesma solução

lá fora há guerras sem pátrias

mutilados e estropiados

cá já temos sem-abrigo

drogaditos e malfeitores

assaltantes, meliantes

económicos dissabores

da troica que tudo leva

e cobra dívidas que herdamos

de tantos ditos senhores

não há santos que nos valham

nem procissões e andores

preces e velas acesas

romeiros de todas as dores

somos um povo infeliz e abúlico

sem sonhos nem destemores

vergados ao duro peso

de vis especuladores

da história magnânima nem sombras restam

nem bardos nem cantores

nem escribas dedicados

o povo sofrendo medos

erros grosseiros

enganos ledos

sem naus nem caravelas

sem espadas nem aduelas

sem especiarias nem língua franca

cantando fados a tétis com paixão

com futebol e telenovelas

e fé sem outra afeição

o povo escravo de novo

sofre consternado

às dívidas acorrentado

à mingua de dízimos e outros enfados

sem contar os créditos mal parados

come demagogia e paga iliteracia

santa liberdade e democracia

chora lágrimas de crocodilo

lendo jornais desportivos

com as letras aprendidas

nas novas oportunidades

o povo sofrendo fomes e enfermidades

vendia os anéis e comia os dedos

emigrava quando podia

queixava-se da sorte caipora

temia do governo as novidades

a geração rasca a parva passara

timidamente na crise despontara

bancos enriqueciam na austeridade

à custa da plebe e do suor já suado

de brandos costumes acostumado

não descera às ruas este povo

faltava-lhe força e inteligência

nem era gleba de novo

antes novos ricos da indigência

ancorada a nau fmi de novos reis

em terra de pagãos e infiéis

não daria berloques aos nativos

apenas a chibata e o chicote

as grilhetas de trabalhos cativos

sem abrigo nem culote

e um poeta solitário

no alto do seu castelo

gritava a bom gritar

mas não o ouviam as massas

sem perder tempo para se educar

e acreditavam nos seus donos

compradores de votos

com promessas a acenar

o jardim à beira-mar plantado

há muito inculto e estiolado

ia fenecendo devagar

sem gente para o cuidar

e dos vindouros muitos virão

dizer que o poeta pressagiava

o fim desta bela nação.

#### 516. a ilha-mãe 29 agosto 2011

a ilha-mãe ficou sentada à janela

virgem e solteira

esperando o príncipe encantado

na nau do nunca mais

se penteou e vestiu

abriu a ventana

pôs a mão em pala

e olhou o mar imenso

213160 dias para ser exato

na praia do capitão na baía dos anjos

nenhum barco aportou

até um célebre quinze de agosto,

aniversário de gonçalo velho na praia dos lobos,

em que os batéis vieram do mar

trazendo mouros infiéis

os argelinos as mulheres arrebataram

eram moeda de troca as cativas

em mercado de escravos ou resgate

chorou lágrimas amargas

e orou à senhora dos anjos

acordou com centenas de marienses

a salvo na furna de sant’ana

escondidos dos saqueadores

viu um cortejo de piratas a cavalo e a pé,

rufando tambores e tocando cornetas

em debandada para o mar

voltou para a sua janela

sonhou com príncipes enfeitiçados

jovens cativados do seu olhar

ainda hoje se pode ver a sua sombra esguia

em noites de maresia

acenando um lenço branco

a quem queira desembarcar

só sai à rua em dia de procissão

vestida com véus e organzas

finas cambraias sem outras iguais

senhora dos anjos

redentora da ilha-mãe

#### 517. a ilha de todos os medos (ribeira quente, povoação, 31 agosto 2011)

uma ilha pode ser de todos

onde quer que se habite

viver na ilha é quase um naufrágio

respirar sob as águas turvas

viajar através do corpo submerso

vir à tona turbulenta

partir da ilha sem sair dela

levá-la para mundos outros

recriar a origem em qualquer destino

crenças, festas e procissões

uma ilha pode ser de todos

mas só alguns a usufruem

poucos exibem como passaporte

sem pudor de regionalismos

atraso, incultura, insucesso

secular canga feudal, ancestralidade

alheados na negação da açorianidade

vencendo na escrita fora da ilha

arrogância, ostracismo, solidão

sotaques polidos, discursos em vão

uma ilha pode ser de todos

deneguem anátemas e maldições

contra ilhanizados e açorianizados

albardem-se oportunistas da literatura

acoutados em rótulos de ocasião

enjeitem escritores renegados

tertúlias de lisboa a coimbra

promovam-se os que se não promovem

pedreiros do magma e lava

que sentem o que escrevem

que redigem a alma única

sabor a mar e terramotos

uma ilha pode ser de todos

merece-a quem a habita

uma ilha pode ser de todos

os livros a quem os lê

a escrita a quem a fabrica

em relação de bordo[[2]](#footnote-2)

na ilha de nunca mais[[3]](#footnote-3)

raiz original e comovida[[4]](#footnote-4)

com lágrimas de gente feliz[[5]](#footnote-5)

estude-se a cor cíclame[[6]](#footnote-6)

na distância deste tempo[[7]](#footnote-7)

quando deus teve medo de ser homem[[8]](#footnote-8)

e era o príncipe dos regressos[[9]](#footnote-9)

em a sombra de uma rosa[[10]](#footnote-10)

quando havia almas cativas[[11]](#footnote-11)

no contrabando original[[12]](#footnote-12)

estava o mar rubro[[13]](#footnote-13)

de histórias ao entardecer[[14]](#footnote-14)

exaltem e reeditem

o lavrador de ilhas[[15]](#footnote-15)

nas escadas do império[[16]](#footnote-16)

marinheiro com residência[[17]](#footnote-17)

plantador de palavras vendedor de lérias[[18]](#footnote-18)

que foi ao mar buscar laranjas[[19]](#footnote-19)

e eu fui ao pico e piquei-me[[20]](#footnote-20)

à boquinha da noite[[21]](#footnote-21)

nos silos do silêncio [[22]](#footnote-22)

em a ilha grande fechada[[23]](#footnote-23)

era desta açorianidade

que vos queria falar

medram poetas nestas ilhas

contistas, ensaístas,

novelistas, romancistas

narradores contadores,

dramaturgos, sonhadores

deixai-me hastear a bandeira deste povo

e gritar o que lhe vai na alma

uma ilha pode ser de todos

onde quer que se habite

ninguém a ama ou deseja

como os que nela se querem

sejam nascidos e vividos,

ou apenas trasladados

com raízes que nenhum machado cortará

colhendo flores que só o poeta cantará

voando quimeras que só o vate sonhará

uma ilha pode ser de todos

onde quer que se habite

deixai que a chame minha

quero-a só para mim

mãe de todas as filhas

mar de todas as ilhas

ela pode ser de todos

a ilha de todos os medos

#### 519. és como a ilha (moinhos 3.9.011)

és como a ilha

take us all for granted

para que tomemos conta de ti

como se a natureza não o soubesse

não o fizesse

até melhor do que nós

és como a ilha

nem um afago, um carinho

quando ergueste a mão numa carícia?

antes desabas como o denso nevoeiro

choves palavras do tamanho de saraiva

como quem regurgita ribeiras

que as margens já não contêm

frequentemente inundas as praias

agressivamente com altas marés

como se falar fosse já um tsunami

és como a ilha, solidão

sempiterna, apática

lideras a repressão desumana

de teus dias sem intrigas

e esta imitação de vida

amorfa, resignada

geografia anónima

soçobrante

preenches os vazios frios

sem um afago, carinho

és como a ilha, solidão

e eu habitante ou transgressor

amante rejeitado

despojado de tudo

neste cárcere sem grades

sem forças para nadar

naufragado em terra

só o mar me cerca

mero pixel na paisagem

#### 520. a criação do mundo 12-9-2011

deus sentou-se no rochedo

do ilhéu de são lourenço

contemplou o presépio

que acabara de construir

criou um porto e algumas grutas

parou em santa bárbara

e pintou-a de azul

seguiu viagem pela baía do cura

ponta do cedro e do castelete

na maia criou cascatas

e deixou um archote aceso

para que soubessem que o paraíso era aqui

aplainou terras férteis em santo espírito

alisou as areias na praia

que ficou mui fermosa

subiu à malbusca e almagreira

plantou um jardim de éden nas fontinhas

e parou no pico alto a observar

as aves que voavam sobre o tagarete

virou-se para a direita e idealizou baías

do raposo, da cré,

dos anjos e dos cabrestantes

deixando outro archote na ponta dos frades

em duas passadas foi ao ilhéu da vila

em frente às ribeiras quedou-se à espera

adormeceu profundamente

ainda hoje se espera o seu espertar

#### 521. pitt meadows kwanza açores, ao eduardo bettencourt pinto 22 setembro 2011

nasceste na savana com pés de basalto e lava

viveste na terra dos grandes desertos da áfrica meridional

mas o teu rio é kwanza que acaba aos pés de luanda

terra de surf na bela baía

teu nome é de magma ancestral

nasceste do fogo e da água

com raízes na ilha-mãe que buscas entender

teu nome não é pradaria em pitt meadows

mas belos trigais na british columbia

zona alagadiça de deltas e lagos

maple ridge e o rio pitt são teus parceiros

mas não esqueces o calor de áfrica

nem a humidade arquipelágica

divides a vida entre amores e pátrias distantes

fazes da escrita uma fotografia

já que não retratas a poesia

mas algo nos une que não as palavras

o mar imenso que nos separa

#### 523. a paz zen do eduardo (bettencourt pinto) 16 outubro 2011

não esqueço as tuas palavras

o tom suave das tuas falas

lavrador de verbos

com medo de ferir as terras

arando sentenças

como se fossem seres vivos

estás de bem contigo e com o mundo

pacifista de vocábulo fácil

nem na imagética és agressivo

entras a medo

como quem pede desculpa

e sais fotografando

sorrateiro para não incomodar o ar

que respiras sem sofreguidão

tens o sofrimento e a dor

em sulcos profundos na alma

reclusos da poesia

que ainda não escreveste

prisioneiros invisíveis

carregas a dor de muitos mundos

oculta em véus diáfanos

falas mansamente para não ofender

lentas palavras na construção do mundo

não acalentas raivas ocultas

dialogas com as tuas fotos

condescendes com os humanos

partilhas a felicidade

de estar e de ser

únicas certezas que transportas

mas também sorris

como a criança que não foste

como o adolescente que não pudeste ser

como o jovem adulto que te obrigaram a viver

convertes mágoas em alegrias

partos difíceis e resignados

alquimias de amarguras

das aves sabes o voo tangencial

das plantas o ciclo vital

das ondas que são o teu leito

avistas as estrelas que te alimentam

a poesia é questão de minorias

só os privilegiados leem

menos ainda a entendem

dizem que escrevê-la é fácil

mas difícil é o que fazes

vives a poesia no teu dia-a-dia

a ti, irmão da palavra

obrigado por acreditares

em ti, como em gedeão

o sonho comanda a vida

(ah! como eu gostava

de ser poeta

viver outras vidas

utopias).

#### 526. famosos e ignorados 16.11.2011

i

hoje ia na marginal com pauleta, o açor

todos paravam pedindo autógrafos

quando passeei com nemésio todos ignoraram

se fosse toni carreira ou quim barreiros

o trânsito parava, mas escritores?

nem uma réplica de camões

faria virar os olhos dos transeuntes

tenho orgulho nos portugueses

em casa de cegos sinto-me rei

ii

na maia, daniel de sá é o professor

poucos o conhecem como escritor

no pico da pedra cristóvão é ignorado

onésimo apenas lembrado

vasco p. da costa é da terceira

com costela picarota

mas é em coimbra que tem a eira

joão de melo virou mundial

desconhecido na achada atual

caetano nasceu na fajã grande das flores

mas é em cambridge eua que tem seus amores

e eu que nasci no porto

sou poeta da galiza

tradutor na terra dos cangurus

se bem que do castelo jamais saia

sou cronista dos açores

e escritor da lomba da maia

#### 529. homenagem a natália correia 29 novembro 2011

hoje

decididamente

vou escrever um poema

dedicado aos feriados

que nos roubaram

decreto

que todos os dias

feriados sejam abolidos

os dias da semana

também

e para não esquecermos

tais dias e feriados

se comemorem todas as datas

ao domingo

e seja domingo todos os dias

(e se nos convertermos ao catolicismo

não poderemos trabalhar ao domingo)

*em homenagem a natália correia*

*poema destinado a haver domingo*

*…*

*deixem ao dia a cama de um domingo*

*para deitar um lírio que lhe sobre.*

*e a tarde cor-de-rosa de um flamingo*

*seja o teto da casa que me cobre*

*baste o que o tempo traz na sua anilha*

*como uma rosa traz abril no seio.*

*e que o mar dê o fruto duma ilha*

*onde o amor por fim tenha recreio*.

natália correia, poesia completa, publicações dom quixote 1999

#### 534. açorianices 13 dez 2011

disseram para falar de hortênsias

plantar a palavra mar e algum sal

lugares comuns de bruma

azáleas, camélias, novelões,

conteiras, milhafres e cagarros

e assim se cria um escritor açoriano

houve mesmo quem acreditasse

autores nasceram assim

nas ilhas e na estranja

ganharam prémios, foto no jornal

o governo pagava e promovia

era uma primeira açorianidade

desta janela de neblina

avisto o mar em desalinho

mas sem hidranjas

nem vacas alpinistas

nem açores a esvoaçar

não terei nome no basalto

cantarei o arquipélago da escrita

sem títulos nem honrarias

sem adjetivos telúricos

sem versos de rima quebrada

não é açoriano quem quer

mas quem o sente.

#### 535. são miguel scut[[24]](#footnote-24) 13 dezembro 2011

esventraram a ilha verde

abriram montes e vales

plantaram asfalto e pontes

as maiores e mais altas

trouxeram o progresso

a décima ilha perdeu a magia

sem índias nem especiarias

nem índicas travessias

adamastor dissipado

o nordeste á já aqui.

#### 538. és tu calíope? lomba da maia 7 fev 012

este céu não tem estrelas

para criarem uma primavera

apneias múltiplas

nuvens em perpétuo movimento

ora te escondem ora te revelam

mística aparição

mera invenção

de quem sonha despertar

…

nestas ilhas irreais

paradas no tempo e no espaço

suspensas de tradições

de mitos e medos e

tremores tremuras terramotos e vulcões

acordar no éden é um delírio

de húmidos dilúvios e verdes pastagens

vacas alpinistas e mulheres disformes

baleias nos mares e cachalotes em terra

vítimas de abusos silentes

encobridoras de pedófilos

beatas intransigentes

costumes que tudo desculpam e encobrem

foi então que surgiste

ninfa ou musa

irmã gémea de calíope[[25]](#footnote-25)

ou de ارسي أوو[[26]](#footnote-26)

retirada das águas

mais profundas desta atlântida

e me enleaste nas tuas melopeias

celebrámos um parto louco

de amores impossíveis

num cais improvável

areais negros sem sargaços

ao doce som do marulhar

da melancolia dos cagarros

triste cântico evanescente

neste céu sem estrelas

eras já sol ou cósmica tempestade

foi assim que me perdi na tua galáxia

#### 539. destino ilhéu, lomba da maia 11 fev 2012

olhei para o espelho dos dias

e vi-te partir

silente como chegaras

sem sorrisos nem lágrimas

vestias um luar sombrio

deixavas vazio o leito

num luto antecipado

agarrei as nuvens que passavam

levado na poeira cósmica

carpindo dores antigas

acordei sobressaltado

o livro da vida nas mãos

o livor nas faces

o fim há muito antecipado

ficar era o destino

sem levar as ilhas a reboque

será esta a sina ilhoa?

#### 541. joana félix poeta feliz que não fénix 27 março 2012

joana caminhava

nas negras areias

carregava a pesada cruz

dos sapatos do pai

não deixava pegadas

na leveza do seu ser

era onda era maré

maremoto de palavras

figura gentil e frágil

caravela de mil descobertas

escrevia amor

nas entrelinhas do pai

acordou e era poeta

na leveza do seu ser

por mérito próprio

nascera de novo

joana de mil sorrisos

porto de mil abrigos

cais de mil partidas

estas as palavras que eu disse

e joana se fez livro e partiu

à descoberta do mundo

que era seu como o infinito

neste rio sem margens

nascido na praia com aban

trazia nos cabelos a brisa do mar

e nos lábios as cerejas geladas do japão

dizia que depois de escritas as palavras tinham vida

mas ainda não tinha aprendido a vivê-las

com os anjos que habitam na terra

#### 543. ao urbano bettencourt 2 abril 2012

urbanamente vives

nas pinceladas das tuas palavras

a tua paleta pinta poesia

teus livros erguem-se impantes

como teu pico natal

amores e desamores de ilhas

que unes em pontes de poesia

que sentes em dores

que pariste em árvores

sem sombras nem véus

nenhuma luz apagarás!

#### 544. ao eduíno de jesus 2 abril 2012

as tuas palavras esguias

insinuam-se enleantes

preenchem os nichos do silêncio

em silos de poesia

buriladas em filigrana

sente a ilha e a língua

nelas aprendi a geografia

e o amor inconquistado

sem silêncio nem silos

#### 546. polenizar palavras, ao eduardo bettencourt pinto, 3 julho 2012

vinhas de manso

com palavras nos pés e pegadas na boca,

nos olhos liam-se mensagens,

nas mãos havia amor

e nos cabelos a tua ave era liberdade

ou então trazias borboletas nos olhos

arcos-íris nos cabelos

nas mãos escrevias poesia

e nós ouvíamos deleitados

as aves calaram-se

as árvores aplaudiam com sua folhagem

os ribeiros regurgitavam nas levadas

o céu limpava-se de nuvens

o vento polenizava as odes

sementes de frutos futuros

eras o livro e não o sabíamos

#### 553. ilhéu de vila franca, 02 agosto 2012

no ilhéu de vila franca

não vi sereias a boiar

nem redbull cliff divers a saltar

não havia baleias nem golfinhos

apenas peixes e gente muita

em maré vaza de agosto

sem erupções súbitas

a mística desocupara o ilhéu

terei de voltar em busca das sereias

que me garantem nadar ali

#### 554. praia parcial na ribeira quente, 2 agosto 2012

as ninfas molhavam os pés

ao som de música tecno

escreviam sms aos ausentes

apagavam o sol com a peneira

como quem esquece a crise

entre mergulhos e risos

os taludes cresciam protegidos

os caterpillar passeavam no pó

as areias movediças iam e vinham

a praia vedada como em gaza

mergulhos sem medo de deslizamentos

na enorme cratera da praia

a velha coruja comia um gelado

sentou-se e foi-se sem deixar rasto

silente e amargurada

emigrados enriquecidos

peroravam infâncias perdidas

mescla de idiomas e ideias

ânsias de tempos idos

sem saudade da pobreza

apanágio doutras eras

com dólas se compra a felicidade

à distância de um continente

vidas que me não interessam

sucessos alheios

serei sempre um outsider

observo, perscruto, analiso

disseco vidas outras

recordo bali, eric clapton

i shot the sheriff em kuta beach

sem pistoleiros nem guerras

trégua longa como o verão que tardou

palavras por dizer

sentimentos por partilhar

a presença da filha

visita em lua-de-mel

evoca passados vários

alegrias, encantos e sonhos

quando os filhos ganham asas

sabemo-nos velhos

sem o sentir ou saber

neles se retratam imagens

sonhos, ventos e aragens

extensões de nós mesmos

#### 557. (ao luiz fagundes duarte), açores 16 ago 2012

estar numa ilha é um modo de vida

por vezes sinto-a prisão sem grades

rodeado de mar, céu e vacas

aves e peixes que não me falam

pessoas com passados heroicos

gestas de povo sofrido e resignado

de basalto e pedra-pomes também

gente que veio no mar e a ele se condenou

em terra e nas ondas dos baleeiros

quando a terra não tremia

e os vulcões estavam silentes

mares de mil e uma cores

do azul ao negro e ao vermelho do sangue

cheio de monstros e poucas sereias

gente que veio com sonhos e fomes

sofreu a escravatura infame dos senhores

feudalismos tardios e encobertos

a coberto do manto da igreja

em troco de promessas etéreas

suor, lágrimas e sacrifícios

povo que dominou fajãs

gente que criou maroiços

construiu ambições e voou

para outros países sem deixar este

à roda do qual o mundo gira

e regressam sempre e sempre

superando os que ficaram

e construíram estas nove ilhas

do enorme orgulho pátria

ser açoriano é ser único

em nove identidades afins

não sei descrever os sons

os cheiros, as cores, os paladares

todos iguais, todos diferentes

todos açorianos

aceito este destino estrangeiro

moldo-me e adapto-me

ao clima e ao ritmo

a esta velocidade lenta

de início de mundo

a este fatalismo ingente

a estas devoções salvadoras

às promessas com que se enganam

romagens de comprar perdões

folclores e tradições recriadas

alheios ao que roda lá fora

toleram a autonomia que não têm

e no meio destas gentes

surgem escritores, poetas, autores

neles me encontro e observo

imagem refratada doutro espelho

o lado de lá do eu

até quando?

#### 558. alabote 1 16 agosto 2012

sob esta névoa acinzentada

brilha um sol envergonhado

as ondas se agitam em santa bárbara

há surfers no monte verde

todos impérvios ao grande gordon

furacão que está a 900 km

e ameaça destruição

na lomba da maia gente que não lê

prepara afanosa as festas do linho

como se nada se preparasse nos céus

tendinhas, mesas para o bodo

que o vento irá levantar

e a chuva irá afogar

e nós aqui no alabote

fomos ao mar buscar laranjas

com a memória do pedro da silveira

o vento quente nos afaga

antecedem 3 dias de reclusão

e o povo não sabe, nem lê, nem vê

depois da desgraça vai rezar

sair em procissão, fazer promessas

há desastres que se podiam evitar

se vivêssemos num país culto

#### 559. alabote 2, 16 agosto 2012 (ao vasco p da costa e e.b.pinto)

o mar de novo

e sempre

as ondas e a espuma

sem sabor a maresia

esperma salgado do atlântico

não se vive sem mar

numa ilha

#### 560. alabote, furacão gordon, 3, 18 agosto 2012

não há barcos no mar

nem submarinos

os aviões vão parar

e vou ficar isolado

enquanto um furacão

com o nome do celebrante

do meu casamento

nos aprisiona nesta ilha

#### 564. polir sóis com uma peneira 25 dezembro 2012

polir textos é como arear pratas

dissipa-se a sujidade

mas o fulgor que resta

cintila com menor valia

polir amizades é como sacudir o pó

com a gentileza de uma pena

nada se perde nem se transforma

basta um gesto, um telefonema

uma sms, uma mensagem

talvez apenas um like no facebook

como se fosse natal todos os dias

polir matrimónios é complicado

questão de sorte e perícia

em panos de fina seda

como limar diamantes em bruto

pode quebrar a agulha ou o casamento

e em vez de 24 ficam 6 quilates

polir países é arriscado

as limas devem ser amoladas

à prova de lóbis e desgovernos

cortam-se as esquinas angulosas

talham-se as aparas mais finas

em areias de fina brancura

é como ir ao alfaiate do tempo

encomendar um fato por medida

para dar com a cor do cabelo

ir ao barbeiro do futuro

fazer a barba que não se tem

e há o risco de cortar o país todo

talhar pessoas

trinchar tradições

sem memória

nem história

serrar distritos, fender concelhos

encurtar fronteiras até ao mar

até finar portugal em praias e arribas

polir palavras é bem mais fácil

corta-se uma folha de papel em a4

verifica-se a tinta nos tinteiros

gravam-se carateres como granito

basalto, quartzo ou ametista

lavram-se sulcos como rios

erguem-se sombras como montanhas

sombras de marés vivas ou mar chão

deixa-se a marinar em banho-maria

leva-se ao lume brando com pitada de sal

junta-se pimenta a gosto e louro e basilicão

retira-se do fogo e serve-se a gosto

sempre ansiei ser poeta

navegar em utopias

escrever cardápios de vida

imensos e belos como o oceano

livres e úteis como o ar

na solidão dos mares açorianos

#### 565. solitudes 31 dezembro 2012

solidão não me assusta

estar sozinho sim

silêncio não me assusta

solilóquio sim

inverno não me assusta

cinzento sim

multidões não me assustam

estar só no meio delas sim

a poesia é uma arma

carregada de solitude

solidão nos açores

é viver nas ilhas

enquanto o mundo

se destrói lá fora

#### 566. raças 02 jan 2013

só conheço uma raça

a humana

cheia de cores, tamanhos e feitios

raça têm os animais

bravos como os touros

raça têm os humanos

com coração magnificente

dádiva permanente

entrega total

os outros são meros clones sem alma

carneiros obedientes

ratos de laboratório

e nesta ilha do arcanjo

há pouca raça

#### 567. criação de um arquipélago, 8 jan 2013

não há terra nenhuma

na palavra mar

nem gente nem história

sol sem sargaço

sem algas

monstros marinhos nas profundezas

aqui nasceram vulcões e tremores

e o mar ficou mais pequeno

#### 568. sem perfume de caju, ao urbano bettencourt 18 janeiro 2013

na humidade da savana

no calor da tabanca

tange urbano a sua harpa

palavras aceradas como o vento suão

batuque abafado na bolanha

longe do país de bufos e beatas[[27]](#footnote-27)

traduzes as sílabas de morte e vida

rumores desse cheiro de áfrica

que nunca conseguiste lavar

colado na pele que esfregas

com napalm e metralha

nem com as chuvas da monção

#### 571. cântico quântico, 1 abril 2013

se os escritores soubessem física quântica

saberiam como as suas obras se disseminam

uma partícula associada à sua antipartícula

um anti-b-mesão associado ao b-mesão

mas deteriorando-se mais depressa que o b-mesão

no meio da maléfica antimatéria

vagueando pelo universo pluriverso

se os escritores soubessem física quântica

viveriam todos nos açores

pois é aqui que o alter ego é a chave

da maior questão da existência

como nasceu e como vai morrer

este nosso universo

#### 572. non ho l’età, (nos moinhos à gigliola cinquetti), 2 abr 2013

*non ho l’età* entoa a tsf

enquanto as ondas marujam

num mar de carneirinhos

e penso que não tenho idade

nem feitio, nem passado

para sonhar mais

deixo-me levar pelo vento

vogando nas caravelas do tempo

sem idade nem planos

com a idade de todos os sonhos

#### 573. fados e sambas, 5 abr 2013

ser ilhéu é um fado triste

entoado como um samba alegre

cantigas ao desafio

cantorias desgarradas

os corpos e as palavras

pintam realidades inesperadas

todos ficam todos partem

em dia de são vapor

tão longe sempre perto

em calafonas e canadás

ser ilhéu é um fado triste

entoado como um samba alegre

manta remendada de nove cores

tapete voador da saudade

sementes da memória

nas paredes do tempo

rasgando o silêncio

mundos mágicos sem chave

e eu ilhéu de abril

filho de muitas ilhas

choro este fado

#### 574. soletras autonomia, 14 abr 2013

ilhas de névoas e gaze

de novelões e conteiras

do verde e do azul

ó gente de basalto

quem canta a tua gesta?

terras de maroiços

cais de rola-pipas

mar imenso abraseado

lacerado por vulcões

ilhas de bardos e músicos

republicanos presidentes

poetas, pintores e artistas

anteros, nemésios e natálias

quem te liberta das grilhetas

do passado feudal

da escravatura da fé

do atavismo ancestral?

soletras autonomia

gaguejas liberdade

titubeias emancipação

com laivos de insubmissão

como a irmã galiza

cicias um 25 de abril

que tarda em chegar

#### 576. onde os açores não voam, 16 abr 2013

tu que nasceste açoriano

nem vais acreditar

onde os açores não voam

não bebi café em ouarzazate

não fui aos 2 mil anos de persépolis

não cacei leões na gorongosa

não comi chicharrinhos em rabo de peixe

não vi petra nem os budas de bamiyan

nem vi índios de roraima

não fumei ganza nas praias de goa

nem fui em adoração a katmandu

nunca cheguei a machu picchu

nem a hotel de gelo nórdico

nadei na areia branca em dili

em cheoc van em coloane

em bondi de sydney

em kuta beach de bali

em pattaya tailandesa

no bidé das marquesas de s. martinho do porto

na praia azul de espinho

nas águas límpidas de daydream island

nas areias de byron bay

banhei as mãos em tijuca

as cataratas do niágara molharam-me

vi o sol a pôr-se na lapónia

e a nascer em bobonaro

vi sóis, luas, mares e céus

no faial, pico e flores

e nas 3 ilhas santas dos açores

nadei em rottnest island

comi em fremantle

dormi em towal creek comara

vivi no amial, maria pia e campo lindo

mafra, tomar e leiria

bobonaro na montanha

lecidere em dili

nas antas e em macau

cottesloe e claremont em perth

waverley, centennial park

randwick em sydney

prahran em melbourne

e em caminha

sou de bragança sem lá ser parido

sou australiano sem lá ter nascido

carrego frações da galiza e do brasil

de cristãos novos e alemães

minhotos e marranos

das cruzadas até áfrica

onde nunca estive

e de todos esses locais

que terás de buscar num mapa

encontrei as tuas ilhas

nelas serei açoriano até morrer.

#### 579. bandeira por desfraldar, 3 maio 2013

quero cantar armas e brasões assinalados

faustos doutrora que poucos igualaram

em vez de chorar corruptos governantes

dilapidando pátrias vetustas

quero cantar navegadores e descobertas

missionários e colonizadores

em vez de chorar vendedores de pátrias

marionetas de troicas estrangeiras

quero cantar guerras e batalhas

expulsões de castelhanos e mouros

em vez de chorar um país vendido

à especulação bancária e ao iv reich

quero cantar a vizinha galiza livre

celta, orgulhosa, ancestral

em vez de chorar a repressão

e extermínio por castela

queria cantar a liberdade, igualdade e fraternidade

em vez de chorar esta escravatura

o silêncio e o medo sem futuro que nos impõem

até que alguém sem hesitações nem temores

se erga e vá desfraldar a bandeira dos açores

#### 581. greve da sata, 3 maio 2013

fé, romarias e procissões

flores, vacas e touradas

praias, montes e vulcões

barcos, aviões, emigração

nove ilhas diferentes

e eu, parado neste porto sem navio

o aeroporto sem aviões

mero prisioneiro da sata

#### 584. autonomias, moinhos, maio 10, 2013

arquipelágica

nasceste para as palavras

sísmica

nasceste para a fé

vulcânica

nasceste para as lendas

autónoma

nasceste para a liberdade

que um dia terás

#### 585. porto formoso, maio 10, 2013

sentei-me no porto

de porto formoso

e vi como formoso era o porto

não havia barris

nem caravelas

nem descarga de víveres e gado

era formoso este porto

uma angra ou ferradura

aberta ao atlântico

iam cereais para fortes de áfrica

saíam mancebos para guerras

porto único na costa norte

na ilha do arcanjo

era formoso este porto

já então longe da capital

#### 586. moinhos de porto formoso, maio 10, 2013

na praia dos moinhos

aprendi a amar a ilha

li os seus autores

voguei nas ondas

sonhei e planeei

conspirei

escrevi meus livros

crónicas e poesia

compus músicas

dos beatles a zeca afonso

entoei cânticos

de bob dylan a brel

na praia dos moinhos

os açores são mais ilhas

#### 587. açores, antologia no feminino, 18 maio 2013

eram mulheres de capote

de xaile ou manto pela cabeça

súbditas do feudalismo

escravas dos seus maridos

rainhas das cozinhas e das preces

na lavoura, na pesca e no demais

sempre silentes e resignadas

iletradas e crentes

submissas e humildes

hoje no século xxi são a voz

são a palavra e o canto

aqui honramos a sua obra

salvé judite jorge, joana félix,

renata correia botelho, natália correia,

madalena férin, madalena san-bento

brites araújo, luísa ribeiro, luísa soares

nove mulheres, de prosa e poemas

nove escritoras para nove ilhas

a voz atlântida libertada

#### 589. a dama de gaze (a daniel de sá na sua morte), 28 maio 2013

a dama de gaze veio na bruma

sorrateira, silente, sem avisos

com passos de veludo

e mensagem nas mãos

trazia apenas um título

escritor, maia

assim, sem mais delongas

sem discutir nem tergiversar

levou o autor

ficamos todos mais pobres e sós

teremos de o reler

e de novo cavaquear

terçar argumentos

e quando a bruma voltar

lembraremos o daniel de sá

que a dama de gaze levou

#### 592. fumar nos moinhos de porto formoso, 7 jun 2013

cúmplice aspiro o fumo

do tabaco proscrito

sob o olhar crítico, ameaçador

dos que me rodeiam

lembro os amigos australianos

que me mandavam para a varanda

enquanto inalavam marijuana

#### 593. sol nos moinhos, 7 jun 2013

já tinha saudades

o mar chão

os corpos ao sol

silhuetas nas negras areias

turistas na esplanada

primeiro dia veranil

minha função clorofilina

…

e algures no irão

filmaram a primeira sereia

mas fiquei com dúvidas

…

ontem na povoação

no porto de pesca

selvaticamente à paulada

mataram um albafar

inocente e inofensivo

mero intruso tubarão

#### 594. autonomias nominais (fla, 6 junho 2013

*“para saberes quem te governa descobre quem não podes criticar”*

voltaire

hoje acordei sem voz

sem mãos,

sem pés

sem coração.

habito nove ilhas de mil cores

arquipélago de mil autores

num fiasco de autonomia

pobreza sem alegria

na independência poucos confiam

em busca de subvenções porfiam

melhor é ficar mudo e quedo

viver dos subsídios esmoleres

submissos e acomodados

pobres despreocupados

servos enfeudados

ingénuos explorados

na eterna espera de godot

de um mandela que não nasceu

assim se explicam os açores

ilhas de mil e uma dores

#### 596. da minha janela, moinhos, 7 junho 2013

*o mar é deus*

*as ondas a sua palavra*

*os romeiros alimentam-se dela*

(poema tuaregue adaptado aos açores)

disse o poeta a seu tempo

da minha janela vejo o mar

o meu quintal é enorme

abarca a linha do horizonte

a minha janela é enorme

abre-se ao círculo dos céus

o meu oceano é enorme

chega às ruínas dos atlantes

só a minha escrita é pequena

nas grades desta prisão

#### 597. professores nos açores, moinhos, 7 junho 2013

a jovem sentou-se

comeu um hambúrguer

bebeu a coca-cola

fitou o mar sem fim

rodou a aliança no dedo

e ficou à espera

que as ondas lhe trouxessem

a reunião de cônjuges…

#### 598. há dias, 13 junho 2013

há dias assim

uma pessoa acorda

e começa a chamar nomes

a tudo e a todos

mesmo à própria ilha

marafona, meretriz

prostituta, pécora,

rameira, messalina,

mona, michela,

croia, perdida,

mundana, devassa,

colareja, galdéria,

pinoia, zoupeira,

pega, puta.

há dias assim

uma pessoa acorda

com autores açorianos

que é melhor só conhecer

pelas obras publicadas

há dias assim

uma pessoa acorda

e sem querer,

a escrita fica igual à ilha

e não há barco nem avião

nem saída desta prisão

#### 599. farilhões nos moinhos 7/6/2013

ao longe a alva espuma

ia, vinha, tornava esmaecida

ora aparecia, ora desvanecia

baleia ou golfinho na bruma

ou o pico oculto da atlântida?

meros rochedos, mosteiros

penedos, farilhões, leixões

na ponta da fajã de porto formoso

#### 603. pátria a saldo, moinhos, 26/6/2013

em dias de glória

conquistamos mundos

monstros adamastores

cabos das tormentas

políticos traidores

vendedores de pátrias

novos senhores

desbaratadores de reinos

exterminadores de idosos

hipotecadores de jovens

e eu sem gládio

nem escudo que me defenda

e o povo no seu torpor

sem revolta que o liberte

caminha para o estertor

#### 604. the green is greener – moinhos 26/6/2013

azores

nowhere is the green

greener

it rhymes with amores

or dores

dark hills

water mills

land shaken

by quakes and volcanoes

fears tamed

by faith and processions

azores

where the green

is always greener

#### 605. são jorge, lembrança fútil, 11 julho 2013

não há noites silentes

cantam os cagarros

dançam sedutores

sob o luar e o rossio

e tu, malino, arfavas

tórridas sessões de amor

esta a lembrança fútil

da terra das fajãs

o pavor da descida

o espanto do isolamento

a força sobrevivente

as cruzes no pico da esperança

assinalam o fatídico erro humano

mais uma tragédia montanhosa

como tantas outras

no pico da vara,

na lagoa de fogo

terra de dor e sangue

de fé e procissões

de fomes e tremores

de vulcões e emigrações

#### 606. viola da terra, ao rafael carvalho, 14 julho 2013

não fui a alfama ouvir o fado

não dancei o vira em viana

nem vi as sete saias da nazaré

não dancei a chamarrita do pico

não sambei em copacabana

nem andei com os pauliteiros de miranda

não fiz teatro de sombras em bali

nem teatro em patuá de macau

e estive lá em todos os locais

mas encontrei-me com a viola da terra

à moda da ribeira quente

plangente com o rafael carvallho

rompendo o basalto e as brumas

era a voz de um povo silenciado

libertando-se em suaves melopeias

pairando sobre nuvens e ondas

tocando a alma deste povo açoriano

#### 608. eleições 29 jul 2013

era tempo de eleições

políticos vinham e prometiam

a populaça aplaudia

acenava e acreditava

…

depois de contados votos

os políticos desapareciam

junto com as suas promessas

e o povo esquecido esperava

assim crendo na democracia

uma pessoa, um voto, uma promessa

repetiam a antiga escravatura

acreditando serem livres

#### 612. a folha, 01 agosto 2013

no meu regaço caiu

como ninfa inspiradora

no rumorejar das árvores

memórias centenárias

na sombra do terra nostra

…

renovaram o hotel

mas a natureza não

o paraíso também é ali

#### 614. visões, moinhos 02 ago 2013

a jovem saiu da água

camisa moldando as formas

caminhou nas areias

deitou-se sob o para-sol

passadas horas

evaporou-se sem rasto

#### 615. brumas 02 ago 2013

eram de espuma

as palavras

eram de sal

as ondas

eram de gaze

as nuvens

eram de orvalho

as lágrimas

eram de névoa

os montes

o verde surreal

as lagoas

eram de medos

os vulcões

e procissões

eram de espuma

as ilhas dos açores

#### 618. praia, moinhos 04 ago 2013

praia é

corpos desnudos

amores de verão

lembrança dos tempos idos

que jamais voltarão

praia é

areia e sal

mar e sol

pulsantes paixões

ardentes vulcões

#### 620. ao álamo, moinhos, 11 ago 2013

nesta modorra matinal

parado na contemplação de mar

lendo murmúrios com vinho de missa [[28]](#footnote-28)

ignoro os corpos e as areias

olvido copos e sereias

e imagino que o mundo acabou

pode ter sido um asteroide

ou tsunami ou vulcão

e nós aqui na calma açoriana

sem saber nem sentir

continuamos a fruir a vida

se o mundo acabasse agora

não daríamos conta

nem o padre raúl nos salvava

nem a professora lucília o narrava

#### 621. st marks road, gardens estate 43a, randwick 12/8/2013

acordei ao som das kookaburra

despertador privativo pelas 05.30

agitando o jacarandá e a waratah

planta nativa no brasão estadual

da varanda avistei o mar em bronte/clovelly

sem ouvir o pequeno ribeiro de randwick

tornando idílico este condomínio

respirei aquela paz profunda

antes de sair para o bulício de sydney

…

parafraseando emanuel félix

pode-se amar uma casa?

sim, mas a casa nunca mais

será a mesma

e uma casa amada

jamais será esquecida

#### 624. permanências (à judite jorge), moinhos, 16/8/2013

esta gente daqui e dali

até do loural onde já fui

tem todo o tempo do mundo

nas permanências da judite jorge

esta gente daqui e dali

tem o respeito e o medo

o isolamento e a distância

esta gente daqui e dali

só tem futuro fora da ilha

mesmo sem sair dela

esta gente daqui e dali

viaja um harmonioso roteiro

no difícil equilíbrio das agruras

nas permanências da judite jorge

esta gente daqui e dali

entre ter e ser

ficar e partir

tece a bela açorianidade

#### 625. ribeira submersa (à maria luísa soares), moinhos, 16/8/2013

aqui nos moinhos

sem submersa ribeira

revisito os poemas

palavras gémeas

doutras águas

a vida em imagens curtas

no paradoxo do ser-não-ser

reinvento o espanto

nas rédeas do vento

na memória da ribeira

que já não ruma ao mar

#### 626. memória de verão, moinhos, 16/8/2013

capturei em imagens

estes rostos e corpos

turistas de veraneio

cosmopolita vivência

nos dias cinza de inverno

na solidão de rostos e corpos

vou rever este filme

vezes sem conta até sorrir

e aquecer os dias húmidos

sem rostos nem corpos

na memória do verão

ajudarei a mitigar as brumas

#### 627. (à brites araújo), moinhos, 16/8/2013

imagino a brites araújo

de cravo e bandeira na mão

gritando a plenos pulmões

que a liberdade é merecida

que a rua é dos poetas

que o 25 de abril não é de todos

mas será sempre para todos

mesmo para aqueles que o negam

imagino a brites araújo

de manifesto e megafone na mão

declamando a poesia da alforria

das conquistas irreversíveis

quando os esbirros vierem

feitos controladores do pensar

sei que ela estará lá

e abrirá o peito às balas

e o sangue que jorrar

será poema e arma

e o corpo desvanecido

será escudo e estandarte

para que a liberdade não morra

nem haja estertor do povo

com ela será 25 de abril sempre

que ninguém nos cala

e a voz dos poetas

troa mais que a da bala

#### 628. papagaio de papel, moinhos, 17/8/2013

queria ser papagaio de papel

subir às alturas

ver os homens

com olhos de deus

e ficar a pairar

…

que nunca me falte vento

a vida na terra é tão triste

…

queria ser mosca na parede

ouvir as conversas todas

despir as máscaras das pessoas

provar a mentira que vivemos

#### 629. primatas, moinhos, 17/8/2013

primatas disse eu

primitivos exclamou outro

e era o dono do snack bar

um grupo de jovens javardos

sentara-se para dois cafés

deitara o lixo no chão

são eles o futuro do país?

a terra não é do homem

está emprestada

conservem-na

#### 630. se eu fosse, moinhos, 19/8/2013

se eu fosse tarântula

ficavas atarantada

se eu fosse garajau

ficavas desasada

se eu fosse cobra

despia a pele primaveril

se eu fosse mulher

criava um mundo melhor

#### 631. ilhas, moinhos, 20/8/2013

estar numa ilha

é como viver num cais

à espera do barco que nunca chega

viver numa ilha

é sonhar

construir a jangada

desfraldar velas

estar numa ilha

é ir para o campo

plano e raso

à espera que construam

o aeroporto

a única forma

para viver numa ilha

é imaginá-la à saramago

como um continente à deriva

estar na ilha

é imaginar a fuga

sonhar com a saída

levá-la a reboque dos sonhos

embarcar nas nuvens

vogar na maré baixa

planar nas asas dos milhafres

e voltar sempre

ao ponto de partida

#### 632. ser açoriano, moinhos, 19/8/2013

não se é ilhéu

por nascer numa ilha

é preciso sentir-lhe a alma

partilhar raízes e dores

acartá-la nos partos difíceis

tratá-la nas enfermidades

acariciá-la nas alegrias

plantar, semear e colher seus frutos

alimentar as suas tradições

preservar a sua identidade

não se é açoriano

sem amar as suas ilhas

levá-las ao fim do mundo

morrer por elas

com elas

para elas

#### 635. décima ilha, moinhos, 20/8/2013

o homem jorrou-se ao mar

deu largas braçadas

levou com ele a ilha

nunca mais o encontraram

(e o homem não era conhecido)

#### 636. o voto 1, moinhos, 21/8/2013

nova campanha eleitoral

o país de rastos

rojado às feras do capital

promessas mil

projetos reciclados

autarcas em igrejas

distribuem dinheiro do púlpito

sorrisos, apertos de mão

beijam velhas e crianças

visitas e inaugurações

e o povo manso

que não se insurge

escravizado e pobre

acredita e sorri

vota sempre nos mesmos

#### 637. o fim do mundo, moinhos, 21/8/2013

neste remanso micaelense

nesta paz podre e pobre

a vida procede inexorável

na lentidão secular

já o disse e repito

o mundo podia acabar hoje

e nós sem nunca o sabermos

#### 638. voto 2, moinhos, 21/8/2013

com tanta guerra

e fome no mundo

nós aqui vamos a votos

exercício pueril de democracia

e pretensa liberdade

ciclicamente repetido

para escolhermos quem

nos vai governar

nos vai roubar

nos vai escravizar

fingindo não ver

a fome

a pobreza

a miséria

que nos rodeia

(até que nos bata à porta)

#### 639. uma velha, muito velha, moinhos, 21/8/2013

era uma vez

uma velha

muito velha

sabia de cor a fome

sem nunca ter aprendido

sem ler nem escrever

celebrava rituais antigos

perpetuando rezas e procissões

mezinhas, esconjuros e poções

que nunca saíram da freguesia

era uma vez

uma velha

muito velha

tão antiga

que nem sabia a idade

filhos, netos e bisnetos

emigrados em terras estranhas

com nomes que ninguém entendia

recriava a cultura do linho

lendas antigas

de trabalho escravo

na visita anual do telejornal

era uma vez

uma velha

muito velha

com tanto para contar

imensa história de vida a eternizar

sem ninguém para a escutar

e assim se perderam lendas e tradições

ficou mais pobre a ilha

(precisa-se de um novo gaspar frutuoso)

#### 640. arquipélago, moinhos, 21/8/2013

ser arquipélago

é ser periférico

viver exílios forçados

permanecer ou emigrar

escrever e criar

a universalidade do regional

olhar as ilhas todas

deste mar oceano

onde açores rima

sempre com amores

…

signo de desterro

geografia de erro

sina de evasão

fado de maldição

angústias e raivas

chuvas e saraivas

irrequieta herança

sem abastança

dolente azáfama

permanente drama

…

#### 641. aos açores, moinhos, 24/8/13

…

aos açores só se chega uma vez

depois são saídas e regressos

transumâncias

trânsitos e errâncias

…

dos açores não se parte nunca

levamo-los na bagagem

sem os declararmos na aduana

acessório de viagem

como camisa que nunca se despe

…

nos açores nunca se está

a alma permanece

o corpo divaga

mas a escrita perdurará.

#### 642. 4 árias, moinhos, 24/8/13

…

a ave desceu a pique

às profundezas do mar

terra de cachalotes

de lulas gigantes

atlântidas esquecidas

na reserva natural do nordeste

voavam livres os priolos

entre incensos e urzes azóricas

o canto dolente dos cagarros

vulneráveis e indefesos

pressagia ajuda humana

antecipando nova migração

o cantochão dos romeiros

arrasta-se ilha adentro ilha fora

promessa de fé e medo

em todas as igreja se capelas

povo crente de labuta dura

que espera todo um ano

para a sua festa paroquial

e a do santo cristo

e a do divino espírito santo

e a dos impérios pagãos

a ave que subiu a pique

das profundezas do mar

trazia no bico o livro

e a definição do açoriano

#### 644. ao cristóvão (de aguiar), pico, 9 ago 2011/13 out 2013

descobriram no pico

maroiços milenares

piramidais construções

galerias ocultas

sem múmias nem tesouros

sem origem nem fim conhecido

falaram de fenícios, cartagineses

gente da pré-história

mas a verdadeira pirâmide

reside mais a norte

em s miguel arcanjo

numa atulhada falsa

com vista para s. roque

é a universal biblioteca

da nova alexandria

é lá que todas as noites

os livros se põem a dançar

debatem e trocam impressões

dão conselhos e admoestações

referem prodigiosas citações

partilham bailhos e saber

da universidade da açorianidade

#### 645. nostalgia, poema a duas mãos (joana félix e chrys) 13 outubro 2013 escreve-me  cartas em papel  com cheiro a tinta e  palavras repetidas, daquelas que  já não se dizem. mas que sejam de carne e de sangue  para enganar a ausência. (joana félix)

quero sentir o teu cheiro

no papel da carta que escreverás

quero sentir o teu coração

nas letras que desenharás,

quero sentir a tua alma

no papel amarelecido

das cartas que escreveste... (chrys)

#### 646. enquanto dormias a nova escravatura chegou, nov 2013

nenhum de nós é livre

enquanto ao teu lado

houver fome

miséria

desemprego

hoje são os outros

amanhã serás tu

passaram 40 anos

nenhum de nós é livre

enquanto abril não se cumprir

#### 652. literários voos, moinhos, 30 maio 2014

o pássaro furtivo

veio debicar a palavra

migalha de frases

que o poeta jorrara

na ilha do arcanjo

e noutras ilhas dos açores

os pássaros chilreiam poesia

#### 653. sair da ilha, moinhos, maio 30, 2014

o marulhar das águas

embala caleidoscópios

sem âncoras nem amarras

vogamos sem destino

ao sabor dos ventos

o importante é sair da ilha

alijar bagagens

nascer de novo

longe, bem longe

lá, onde se aprende a saudade

#### 656 graciosa, ilha branca, agosto 10, 2014

1. era branca a ilha
2. era branca
3. eram brancos os montes
4. eram brancos
5. eram brancas as casas
6. eram brancas
7. eram brancas as almas
8. eram brancas
9. eram brancos os moinhos
10. eram brancos
11. eram brancas as nuvens
12. eram brancas
13. eram brancos os dias e as noites
14. eram brancos
15. era branca a praia de s mateus
16. era branca
17. era branco o carapacho
18. era branco
19. era branco o ilhéu da praia
20. era branco
21. era branca a cruz do barro branco
22. era branca
23. era branco o ilhéu de baixo
24. era branco
25. era branca a luz e a limeira
26. era branca
27. era branca a brasileira
28. era branca
29. era branca a canada longa
30. era branca
31. era branca a ponta da restinga
32. era branca
33. era branca a ponta do enxurdeiro
34. era branca
35. era branca a baía do engrade
36. era branca

**e quando a brites surgia**

**a ilha pintava-se de porto afonso**

**cheia graciosamente de cor**

1. era branca guadalupe
2. era branca
3. era branca a serra branca
4. era branca
5. era branca a esperança velha
6. era branca
7. eram brancas as pombas
8. eram brancas
9. eram brancas as ondas
10. eram brancas
11. eram brancas as caras
12. eram brancas
13. eram brancas as freguesias
14. eram brancas
15. eram brancos os faróis na noite
16. eram brancos
17. era branca a lua cheia
18. era branca
19. era branco o barro branco
20. era branco
21. eram brancos os funchais
22. eram brancos
23. eram brancas as dores
24. eram brancas
25. era branca a ponta branca
26. era branca
27. era branca a beira mar e a folga
28. era branca
29. era branca a serra das fontes
30. era branca
31. era branca a ponta da barca
32. era branca
33. era branca santa cruz
34. era branca
35. era branca a ilha graciosa
36. era branca

e quando a brites surgia

a ilha pintava-se de porto afonso

cheia graciosamente de cor

#### 657 erupções, ao dr gaspar fructuoso 28/08/2014

imponente o bispo

dom frei jorge de santiago

de mitra e báculo

na chuvosa tarde

de 29 junho 1563

abençoou a multidão de crentes

de cabeças baixas e compungidas

os aterrorizados crentes

persignaram-se afligidos

ouviram o forte ribombar

um trovão das profundezas

e o chão abateu-se a seus pés

durante cinco dias sem parar

destruindo as suas cafuas de palha e feno

**658 pride parade em pdl, 26/8/2014**

uma rabanada de vento

vem quando menos se espera

uma rabanada de natal

vem em data própria

tenho vertigens diz o zeka

já vejo gays everywhere

aproxima-se o gay and lesbian pride parade

e os esqueletos sairão do armário

durante dois dias em ponta-delgada

depois, tudo voltará ao normal

na sacrossanta mentira das aparências

#### 659. escreviver, moinhos 29/8/2014

não há critério editorial

com a escrita criativa

todos podem ser autores

independentemente do seu valor

todos são escritores

fabricantes de palavras

feira de vaidades escritas

para satisfazer egos imensos

e eu que nunca fui escritor

eu que só publiquei o que era ingente

vou meter na gaveta os meus escritos

até que tenham porte literário

não se fabrica um cristóvão de aguiar

não se cria um eduíno de jesus

não se é poeta como o vasco pereira da costa

em cursos intensivos de escrita

inventores de sentenças

#### 660. demo-cracia, moinhos 29/8/2014

tanto mar, tanto sal

tanta dor em portugal

primeiro foi-se o império

depois finou-se a ditadura

hoje agoniza a democracia

sujeita à banca e à usura

e neste recanto da ilha do arcanjo

sonha-se poesia e utopia

como se ainda houvesse esperança

ou o político se vestisse de anjo

por entre crimes e desgovernação

tanto mar, tanto sal

tanta dor em portugal

#### 669. no dia mundial da mulher - «à su margarido» 08 março 2015

desci ao inferno

precisava de paz e sossego

sem politiquices de inverno

nem promessas eleitorais

encontrei a su margarido

e outras que tais

em ação de formação

sobre a diferença de género

para aqui chamado e ouvido

falava de igualdade e discriminação

quando a violência doméstica

passa os 50% nos açores

existem leis mas sem coação

afinal existe inferno neste paraíso

para as mulheres na ilha verde

perderam já o sorriso

bem como a fome e sede

abundam maridos violentos

antes ou depois das missas

sejam ou não romeiros

doutores ou comerciantes

vaqueiros ou lavradores

e juízes tolerantes e lentos

lavam as mãos como pilatos

com penas suspensas aos senhores

promessas de arrependimento

muitas falas poucos atos

nestes açores de sofrimento

no dia mundial da mulher

#### 671 eu fui, fundão 31.3.2015

eu fui a seia e ceei

eu fui ao fundão e afundei-me

eu fui à guarda e guardei-me

eu fui ao douro e dourei-me

eu fui a olhão e olhei-me

eu fui ao coa e coei-me

eu fui às flores e flori-me

eu fui à praia e espraiei-me

e o urbano b disse

eu fui ao pico e piquei-me

#### 672 bandeira da liberdade 12/7/2015

a minha bandeira tem 9 estrelas

e um milhafre de asas abertas

peguei no milhafre da minha bandeira

e com ele subi às estrelas

constelação de sonhos incumpridos

no meio do grande mar oceano

mero porta-aviões europeu

navegando rumo às américas

cortemos ancoras e amarras

atemos um laço em volta do pico

arquipélago a reboque da liberdade

icemos velas desfraldadas

e voguemos até porto seguro

tal como a jangada de pedra de saramago

rumo à liberdade

#### 675 mar e bruma (moinhos 18/7/2015)

todos os poetas

que escreveram sobre os açores

gastaram a palavra mar

e a bruma

a mim para escrever açores

resta-me a palavra

amar

#### 676 o ruído do poema, (moinhos 20/8/2015)

o ruído do poema

enche o silêncio da palavra

pássaro fugaz

alquimia breve

há magias por decifrar

na negra lava

vulcões silentes

no ruído da palavra

no porto de abrigo

sem naus nem caravelas

palavras mudas

no ruído do poema

#### 677. graciosa ilha (moinhos, 20/8/2015)

era graciosa a ilha

graciosa no nome

graciosa na postura

de gente de bem

afeita às lides da terra

era graciosa a ilha

graciosos os dons musicais

graciosos os pianos

das damas da ilha

afeitas às lides do amor

aqui irei compor

uma sonata inacabada

#### 678 autonomias açorianas 2015 (moinhos, 20/8/2015)

a independência é o fim

último das autonomias

de nada serve criar

sonhos grandiosos

(de independência)

em fundações movediças

mais valera criar

realidades funcionais

(de autonomia)

assentes na instabilidade destes vulcões

de nada serve sonhar

sem lançar alicerces

de cultura e educação

só um povo culto e educado

pode ser libertado

só um povo autónomo

pode ser independentizado

#### 679 plágios (moinhos, 20/8/2015)

escreveu manuel alegre

há tanto mar na palavra açores

que um poeta da nossa praça

gostou tanto do poema

que até o julgava seu

só eu não tive quem

me plagiasse assim tão bem

#### 684 gerações, moinhos 06/02/2016

a raiva das ondas

a espuma do mar

o inverno a assomar

madeiros na praia

o outono da vida

sem horizontes por desbravar

e um jovem solitário

no mar a surfar

#### 696. liberdade já, 12/7/17

O que queremos?

Liberdade já!

Por que queremos?

Só um povo emancipado pode ser livre!

Quando queremos?

Já!

Quem somos?

Um povo, uma alma, uma cultura

Queremos liberdade já

Das grilhetas coloniais

Das falsas autonomias

Do centralismo anquilosante

Das esmolas dependentes

Dos subsídios e RIS

Mais vale a miséria em liberdade

Do que a pobreza envergonhada

Mais vale errar livres

Do que sermos obedientes súbditos

Mais vale morrer livres

Do que em paz sujeitos

#### 698, tolero, 26 jul 17 moinhos

tolero a incompetência

o desdém

a ineficácia

tolero a mediocridade

a falta de ambição

a inveja mesquinha

tolero tudo

menos a ingratidão

a perfídia

a falsa amizade

porque elas secam

e caem no chão

#### 699. cantiga de amigo, ao eduardo bettencourt pinto, 2 agosto 2017

amaste áfricas imensas

desbravaste a savana

acariciaste brumas e hortênsias

amadureceste no canadá

cada foto um poema

cada poema um filme

e agora josé?

tempo de pegar no sacho e ancinho

arar os campos de novo

cavar, semear, regar e colher

os frutos que te irão alimentar

embiocado e tímido

assomarás à janela da vida

sem saudades nem lamúrias

buscar forças nas fraquezas

sonhar de novo e sorrir

o mundo espera por ti

#### 700. na esquina dos dias 13/10/2017 (moinhos de porto formoso)

na esquina dos dias

pisamos horas esquecidas

no relógio da noite

sonhamos planetas distantes

luas sóis galáxias

…

na esplanada da praia

aguarda-se um furacão

uma ofélia sem shakespeare

nesta acalmia morna

verão de s. martinho

em sexta feira treze

…

na esquina das palavras

pisamos dias esquecidos

na noite das horas

e a ilha sobreviva

rezará suas preces

e por mais que se tape o vulcão

a lava sairá sempre liberta

e por mais que se amordacem as gentes

a voz da alforria cantará sempre mais alto

#### 702. PICO ao urbano Bettencourt 24/11/17 moinhos

no rossio do mar

plantei as vinhas da vida

nos poços de maré

bebi água insalubre

nas bocainas, jarões e traveses

colhi o néctar dos czares

esta é a magia da ilha montanha

nela me sento e me sinto

órfão da atlântida perdida

#### 703. mar de palavras, à Ana Paula andrade lomba da maia 6.1.2018

parti as palavras

como quem parte pedra

com elas calcetei avenidas

de sonhos incumpridos

plantei catos e cardos

como quem planta rosas

colhi espinhos

como quem colhe pétalas

e do ramo que te ofertei

brotaram palavras felizes

neste mar de letras que habitamos

1. (sansenxo) [↑](#footnote-ref-1)
2. Cristóvão De Aguiar [↑](#footnote-ref-2)
3. Fernando Aires [↑](#footnote-ref-3)
4. Cristóvão De Aguiar [↑](#footnote-ref-4)
5. João De Melo [↑](#footnote-ref-5)
6. Maria De Fátima Borges [↑](#footnote-ref-6)
7. Marcolino Candeias [↑](#footnote-ref-7)
8. Daniel De Sá [↑](#footnote-ref-8)
9. Eduardo Bettencourt Pinto [↑](#footnote-ref-9)
10. Eduardo Bettencourt Pinto [↑](#footnote-ref-10)
11. Roberto De Mesquita [↑](#footnote-ref-11)
12. J. Martins Garcia [↑](#footnote-ref-12)
13. Dias De Melo [↑](#footnote-ref-13)
14. Fernando Aires [↑](#footnote-ref-14)
15. J H Santos Barros [↑](#footnote-ref-15)
16. Vasco Pereira Da Costa [↑](#footnote-ref-16)
17. Urbano Bettencourt [↑](#footnote-ref-17)
18. Vasco Pereira Da Costa [↑](#footnote-ref-18)
19. Pedro Da Silveira [↑](#footnote-ref-19)
20. Álamo Oliveira [↑](#footnote-ref-20)
21. Dias De Melo [↑](#footnote-ref-21)
22. Eduíno De Jesus [↑](#footnote-ref-22)
23. Daniel De Sá [↑](#footnote-ref-23)
24. estrada sem custos para o utilizador [↑](#footnote-ref-24)
25. *Kalliopē, "a da Bela Voz"* foi a primeira das nove musas da mitologia grega, filhas de Zeus e Mnemósina] Foi a musa da poesia épica, da ciência em geral e da eloquência e a mais velha e sábia das musas, e é considerada por vezes a rainha destas. É representada por uma figura de donzela de ar majestoso, coroada de louros e ornada de grinaldas, sentada em atitude de meditação, com a cabeça apoiada numa das mãos e um livro na outra, tendo, junto de si, mais três livros: a Ilíada, a Odisseia e a Eneida. Em outras representações, traz como atributo um rolo de pergaminho e uma pena. Mãe de Lino, com Apolo, de Orfeu também com Apolo e das sereias e dos coribantes. [↑](#footnote-ref-25)
26. *Arce ou Arke*: na mitologia grega, era a mensageira dos titãs, filha do deus marinho Taumas e da Oceânide Electra e irmã gémea de Íris, a deusa do arco-íris. Ela pode ter sido associada com o apagado segundo arco-íris visto às vezes à sombra do primeiro. Segundo Ptolomeu Heféstion (século I ou II d.C.), as duas deusas serviram lados opostos durante a Titanomaquia: enquanto Íris tornou-se a mensageira dos deuses olímpicos, Arce tornou-se a dos titãs. Ao final da guerra, Zeus lhe arrancou suas asas e a atirou ao Tártaro, junto com seus mestres. Mais tarde, no casamento de Peleu, Zeus presenteou a nereida Tétis com essas asas para que as colocasse nos pés de seu filho Aquiles [↑](#footnote-ref-26)
27. In Urbano África frente e verso p. 62 [↑](#footnote-ref-27)
28. ÁLAMO OLIVEIRA, 2013 [↑](#footnote-ref-28)